



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

DAVI TIMÓTEO MARTINS

WERÁ

*KYRINGUE'I KUERY NHEMONGARAI: A CRIANÇA MBYA GUARANI E A
NOMINAÇÃO- NOME ESPÍRITO NHE'E*

Florianópolis

2020

DAVI TIMÓTEO MARTINS

WERÁ

*KYRINGUE'I KUERY NHEMONGARAI: A CRIANÇA MBYA GUARANI E A
NOMINAÇÃO- NOME ESPÍRITO NHE'E*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dra. Antonella Maria Imperatriz
Tassinari

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Davi Timóteo Werá
KYRINGUE'I KUERY NHEMONGARAI : A CRIANÇA MBYA GUARANI E
A NOMINAÇÃO- NOME ESPÍRITO NHE'E / Davi Timóteo Werá
Martins ; orientador, Antonella Maria Imperatriz
Tassinari, 2020.
80 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Infância. 3. Nomeação. 4.
Guarani. 5. Mbya. I. Tassinari, Antonella Maria
Imperatriz. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Davi Timóteo Martins Werá

Kyringue'i Kuery Nhemongarai:

A Criança *Mbya* Guarani e a Nominação - Nome Espírito *Nhe'e*

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profª. Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Dra.
PPGAS/UFSC

Profª. Evelyn Martina Schuler Zea, Dra.
PPGAS/UFSC

Prof.(a) Maria Dorothea Post Darella, Dra.
MARquE/UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profª. Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2020

Este trabalho é dedicado à minha orientadora, aos meus professores, às pessoas que contribuíram com o trabalho, aos meus pais, meus irmãos, aos meus queridos filhos e minha esposa.

AGRADECIMENTOS

Pela paciência e dedicação de muitos dos professores e pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, vão meus agradecimentos, pois não foi fácil conseguir conciliar os dois pensamentos vindos dos campos da ciência e o cultural. Uma moldura foi aos poucos tendo uma estrutura uniforme e correta de me sentir parte do conjunto de colegas e professores numa universidade.

Agradeço às pessoas que, em conversas e pensares, me ajudaram e contribuíram ao longo deste caminho percorrido. Às vezes me sentia um estranho nas linguagens faladas, aprendendo a estranhar o próprio eu, para me tornar um pesquisador, escrevendo a própria história do meu povo *mbya*. já que há muito tempo eu queria escrever sobre isso.

Falando também das dificuldades, agradeço à minha esposa e aos filhos por acreditarem em mim e entenderem o porquê de muitos dias isolado e refletindo ideias que contrariavam meus instintos e pensares anteriores.

Agradeço aos professores e em especial à orientadora por buscar entender minha dificuldade de pôr no papel minhas ideias, o que muitas das vezes ainda é difícil, mas que me ajudaram a conseguir o que sempre tive vontade de fazer, estudar. Estendo meus agradecimentos a todos que de alguma forma me ajudaram, mesmo que eu não tenha citado aqui.

Nesses pensares agradeço a meus pais, já falecidos, Maria Erma Martins *Takua* e Pedro Timóteo *Kanilho*, mesmos sendo os dois analfabetos, nunca desistiram de pôr seus filhos numa universidade, e sempre apoiaram meus estudos.

À minha aldeia e às pessoas pesquisadas, em especial minha avó e minha esposa, que deram luz a esta pesquisa. E principalmente agradeço a *Nhanderu Ete*, por eu escrever sobre os conhecimentos de meu povo *mbya*.



Figura 1- Maria Erma Martins *Takua* (minha mãe, 2010) e Pedro Timóteo *Kanilho Werá* (meu pai, 2013). Fotografias de álbum de Família.



Figura 2- Vitorina Benites (minha vó) e Julia G.P Narciso (minha esposa).

Foto do autor 2016.

A'evete

RESUMO

Esta dissertação trata de uma pequena parte do conhecimento *mbya* guarani, a nomeação da criança segundo o *Nhanderekó*, que se refere aos ensinamentos que o guarani segue, aprendidos na infância, e deve seguir quando adulto, como uma lei interna *mbya*, que rege todo o conhecimento guarani. O tema foi pesquisado e trabalhado com um olhar de um etnógrafo *mbya* guarani, a partir de uma observação “nato participante”. São apresentadas as características e fases da infância *mbya* guarani e os processos que constituem a nomeação, através de rituais e cerimoniais, e também do nome dado em casa pelos pais e pelas próprias crianças. Destaca-se a relação importante que tem o nome para a formação da criança como pessoa, que se dá através do recebimento do seu nome-espírito, *nhe'e*.

Palavras-chave: Infância. Nomeação. *Nhe'e*. Guarani. *Mbya*.

ABSTRACT

This Master Thesis presents a part of the *mbya* guarani knowledge, the children's naming according to the *Nhanderekó*, which refers to the precepts the guarani follows, learned in childhood and followed as an adult, as internal mbya rules that governs all Guarani knowledge. The subject was researched and worked with the eyes of a Mbya Guarani ethnographer, based on a “born-participant” observation . The characteristics and phases of Mbya Guarani childhood and the processes that constitute naming are presented, through rituals and ceremonies, as well as the name given at home by parents and the children themselves. We highlight the important relationship that the name has for the formation of the child as a person, which occurs through the receipt of his name-spirit, *nhe'e*.

Keywords: Childhood. Naming. *Nhe'e*. Guarani. Mbya.

IJAYWU AGUE

Kowa'e dissertação py ma oin mbya kuery arandu, kyingue nhaenoi'a nhamboerya Nhande reko py, oikua kyrin'i guive, tuja ja peve ha'e wy nda'eWei hexarai aguã, Nhande reko py gua arandu jareko Wa'e re. Kowa'e regua tembia po ojeja po mbya ete gui, oexa wa'e kue, oikoa ague, oexauka kyingue reko kyingue mbya ete, oexauka mba'eixa pa onhemboery, mba'eixa pa kyingue ru kuery omboery. Onhemboery wyma imbaraete aguã kyingue'i pe, inhe'e kuery ma omboery.

Aywu: Kyingue. Tery. Nhe'e. Mbya. Mbya Ete.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotos de meus pais: Maria Erma Martins *Takua* (minha mãe, 2010) e Pedro Timóteo *Kanilho Werá* (meu pai, 2013). Álbum de família.

Figura 2- Vitorina Benites (minha vó) e Julia G.P Narciso (minha esposa). Foto do autor, 2016.

Fotografia 3- Aldeia Itanhaém. Foto do autor.

Figura 4- Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina.

Figura 5 - Milho *mbya* guarani *awaxi ete'i*. Foto do autor.

Figura 6- Alimentos tradicionais. Foto do autor.

Figura 7- *Tekoá Itanhaém*. Desenho de Julia G. P. Narciso.

Figura 8- Meus parentes. Gráfico de parentesco elaborado pelo autor.

Figura 9- Crianças com apelidos. Foto do autor

Figura 10- Mãe com a criança, em festa da comunidade com alimentos tradicionais. Foto do autor.

Figura 11- Alimentação tradicional *Mbya*. Foto do autor.

Figura 12- Nomes guarani em relação às moradas divinas. Fonte: Autor.

Figura 13- Família Davi *Werá*. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 14- Família Nico. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 15- Família Narciso de Oliveira. Gráfico elabora pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 16- Família Werá. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 17- Família Evani de Oliveira. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 18- Família Paulo de Oliveira. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 19- Família Mario Benites (família Tatu). Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

Figura 20- *Kerexu*- Nani, Nome recebido através de *nhe'e* das próprias crianças. Foto do autor.

Figura 21- Shaline- Menina moça *Kunhatai- kunhangue*. Foto do autor.

Figura 22- Casamento *mbya* guarani- *Tekoa Itanhaém*. Foto do autor.

Figura 23- Encontro das crianças nos corais em Biguaçu, das *Tekoá Itanhaém* e *Yynn Moroti Wherá*. Foto do autor.

Figura 24- Crianças no pátio da escola brincando. *Amandau kyvy kyvy'i*. Foto do autor.

Figura 25- *Opy* em construção- *tekoa Itanhaém*. Foto do autor.

Figura 26- Coral com crianças guarani de *Itanhém*. Foto do autor.

Figura 27 – Xerãtarã Kuery. Meus parentes. Versão da Figura 8. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.

SUMÁRIO

Preâmbulo: MAINO'I E O INÍCIO DE TUDO	15
INTRODUÇÃO	16
MINHA AVÓ FALOU SOBRE O MILHO	22
Capítulo 1: Descrição do povo guarani e a comunidade pesquisada	23
KUARAYE JAY - O SOL E O LUA.....	32
Capítulo 2: Descrição da infância guarani e aspectos cosmológicos relacionados à nomenclatura	34
2.1. Por que escolher os nomes?.....	34
2.2. A nomeação <i>mbya</i> guarani	37
2.3. De onde vem os nomes <i>mbya</i>	41
2.4. <i>Nhandú</i> -Famílias e suas redes de nomes	45
2.5. A vida social da criança.....	52
2.6. O espaço e tempo da criança	57
KUNHAXI.....	60
Capítulo 3: Como é a nomeação	61
3.1 <i>Nhemongarai</i> e a nomeação na <i>Opy</i>	62
3.2. A nomeação feita em casa.....	64
3.3. A criança <i>mbya</i> e seu nome dado através delas mesmos.....	66
3.4. <i>Nhemongarai</i> : Nome, batismo, espiritualidade, <i>nhandereko</i>	67
O SURGIMENTO DO FOGO.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
ANEXOS	74
A CIGARRA E O LEÃO	75
KEREXU'I	75
MEUS PARENTES.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

PREÂMBULO: *MAINO'Y* E O INÍCIO DE TUDO

No início era tudo escuro, não existia nem animais nem humanos, nem nada. Então do nada surge uma faísca, que se torna uma tocha de fogo iluminada, é *Nhanderu Ete* (nosso pai verdadeiro). *Nhanderu* não tem umbigo, foi um ser que se gerou por ele. Não foi retirado de nenhum ventre.

Depois de ser tornado um ser, começou a fazer belas criações. Tudo o que ele pensava começava a surgir. A primeira coisa que ele fez foi um bastão, que se chamava *Y (yvyará)*, e na ponta deste bastão, logo surge uma bela flor, e suas pétalas, que antes de caírem no chão, se transformam em um *maino'i*, um beija flor. Este se levantava ou apontava em uma direção e logo se fazia transformar. As primeiras coisas que pensou e fez surgir foi a água (*yy*), a terra (*yvy*) e o fogo (*tata*). Da água, surge então uma linda planta, a palmeira azul (*pindó Ovy*). É esta que faz a sustentação da terra. Suas raízes começaram a se expandir, e a se transformar em terras. De uma faísca ele criou o fogo (*tatá*), e este, deu para os urubus cuidarem, pois eles eram animais bem cuidadosos e responsáveis.

Para isso *Nhanderu* criou o primeiro e segundo animal, que foram muito importantes, ajudaram a expandir a terra. Criou o beija-flor, que cada vez que batia suas asas, fazia água e o fogo se chocarem, criando cada vez mais terra. Criou também o tatu (*xingyreí*), um dos primeiros animais terrestres. E este conseguia expandir a terra, cavando cada vez mais buracos e, com suas garras, espalhava a terra.

E assim o beija flor e o tatu tem grandes funções na terra na cultura guarani. E cada vez que *Nhanderu* via as coisas lindas que fazia, dava vontade de fazer ainda mais coisas.

Nhanderu fez tantas coisas que acabou se cansando. Foi então que pediu que o *maino'i* (beija flor) lhe trouxesse água (*yy*). O beija flor saiu para buscar água, mas ele pensou, 'não posso dar esta água para *Nhanderu*' Foi então que ele buscou o néctar das flores para saciar a sede de *Nhanderu*. Pegava com seu bico o doce das flores e as colocava na boca de *Nhanderu*.

É por isso que o beija flor é muito rápido e inteligente, faz as coisas com rapidez e também é muito eficiente. Portanto quando o beija flor vem em nossas casas quer dizer que trará muita felicidade e prosperidade. Os guarani *mbya* sempre ficam alegres com esta presença, de espírito bom. Quando ele, o beija flor, vem visitar nas portas e nos terreiros, sempre diz que *Nhanderu* está olhando para o povo. O beija flor é visto como um espírito de *arandu*, (sabedoria). Ele faz coisas rápido como nosso pensamento.

Autoria: Davi Timóteo Martins *Werá* (ouvida pelos *xeramoí* (avós) e reescrita)

INTRODUÇÃO

Começo este trabalho de pesquisa de forma um tanto diferente, iniciando com preâmbulos para dar sentido a todo o corpo do texto, colocando os contos de meu povo *mbya* guarani. Porque em nosso dia-a-dia na aldeia, para iniciar uma conversa, sempre é com algum conto, e assim vai dando continuidade no que se quer dizer, realmente. Pois são as histórias que nos dão sentido à vida, e é com histórias que nosso povo surgiu do ventre da mãe terra, desde a geração passada até os dias de hoje.

Neste trabalho de mestrado, foi pesquisado o povo *Mbya-Guarani* do litoral de Santa Catarina. Os *Mbya-Guarani* são um subgrupo do povo Guarani e, de acordo com dados arqueológicos, assim como os outros subgrupos guarani, se deslocaram da região amazônica em direção ao sul do continente americano, se estabelecendo nos territórios hoje pertencentes à Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, sendo neste, nas regiões Sul e Sudeste (CIMI et al., 2007).

O foco principal da pesquisa foi a aldeia *mbya* guarani em *Itanhaém*, localizada no município de Biguaçu/SC. Como há vários laços destas famílias com a aldeia Imaruí, também pesquisei algumas pessoas que vieram da aldeia Imaruí morar aqui na aldeia Itanhaém.

A pesquisa aborda somente uma pequena parte do conhecimento de nossos ancestrais. Nos dias atuais ainda continua a nomeação da criança e o modo de ser guarani. Estes ensinamentos guarani são sempre repassados e sempre seguidos; são aprendidos na infância e continuam sendo seguidos pelo adulto, segundo uma lei interna *mbya*, que rege todo o conhecimento guarani.

Mesmo que já tenha sido mencionado em livros e artigos, este tema, em especial, nunca foi pesquisado e trabalhado com um olhar de um etnógrafo *mbya* guarani. Foi feita uma observação “nato participante”, sobre a infância *mbya* guarani e os processos que constituem a nomeação, trocas de nomes, inserção de apelidos etc. Através de ritos e cerimônias e também do nome dado em casa pelos pais e pelas próprias crianças, percebe-se a importante relação que o nome tem para a formação da criança como pessoa, que se dá através do recebimento do seu nome-espírito, *nhe'e*.

Ouvindo os relatos das pessoas pesquisadas sobre como se dá o processo de nomeação e observando o ritual *Nhemongarai*, um dos principais, pude perceber como se dá essa nomeação das crianças *mbya*. Elas são atores desse processo que vai se estabelecendo ao longo

das várias fases da infância. Ao mesmo tempo, pude perceber e participar junto aos demais fatos e mudanças que estavam acontecendo. A ideia de considerar uma "observação nato-participante", surge porque, ao mesmo tempo que observo, pude e posso participar com um olhar de etnógrafo e também como um integrante do próprio povo. Isso faz com que, às vezes, tenha sido difícil entender os dois processos, pois sou nato de minha cultura e tradição e, às vezes, só quem faz parte disso é que sabe e entende a forma de pesquisar e ter essa ideia de "nato-participante". Desde criança, os conhecimentos a serem pesquisados já fazem parte do etnógrafo indígena, que os vivencia como algo normal, mas que agora precisa observá-los a partir de um novo foco acadêmico. Essa difere de uma observação participante feita por etnógrafos não indígenas, que observam e também participam das atividades desenvolvidas nas pesquisas, como forma de aprender algo que desconheciam.

Porém, o próprio nome de “cultura”, na verdade só é pensado ou usado por nativos? No início, quando comecei o curso, essas ideias científicas não tinham sentido pois traziam pensares conflituosos, eu ainda não entendia a ideia de “ser antropólogo”, senti-me “afetado” (FAVRET-SAAD, 2005) de tal forma pela Antropologia, que as ideias eram distintas, não existia uma simetria entre as ideias contidas. Quando falo sobre ser afetado, me refiro à ideia que a ciência me colocou a pensar, ao fato de ser antropólogo e indígena ao mesmo tempo, e não ao impacto da sociedade não indígena.

Mas as leituras confundiam a cabeça, colocando a ideia de que o pensamento nativo, ou conceitos primitivos, eram inferiores ao da sociedade considerada “moderna”. Mais tarde é que soube equilibrar os conceitos nativos e científicos. Ao mesmo tempo gostava do que lia e, a cada disciplina, deslumbrava-me com as teorias e pesquisas que eram estudadas. A cada obra escrita, artigos, resenhas, as ideias ficavam mais claras.

Com a oportunidade de escrever sobre um povo nativo, o povo guarani, e mais, como etnógrafo, estudando um grupo específico, as crianças *mbya* guarani, me senti cada vez mais capaz de mostrar ao meu povo que mesmo sendo um povo que não usa muito a escrita, conseguimos escrever nossa própria forma de pensar e escrever. Mas a ideia que, no início, parecia ser uma incógnita se transformava, a cada passo, numa pesquisa. “Como processarei tudo isso? pensava eu!” Mas a ideia de nativo logo começa a ter luz e vida com a pesquisa, eu podendo assim estudar e escrever sobre meu povo. Poderei eu me dividir ora pesquisador, ora nativo? Sim, pois a academia nos traz esse olhar de pesquisador. Esta pesquisa não servirá só para a academia, mas muito mais para o próprio etnógrafo que escreve e para a comunidade

mbya, além de poder ajudar os jovens e crianças a se interessarem pela pesquisa e escrita, para documentar coisas de seu próprio povo. Assim, surge a escrita do trabalho pesquisado sobre a nomeação *mbya*, que também traz algumas informações sobre nomes guarani e sua forma de ser.

O pensamento desta proposta de tema sobre *Kyringue'i Kuery*, infância, me ocorreu ao cursar uma disciplina sobre infância, lecionada pela professora Antonella Tassinari, na UFSC- no curso Licenciatura Intercultural Indígena em 2011. Foi nessa ocasião que surgiu o tema para o trabalho de conclusão de curso, onde também pude ser orientado pela professora Clarissa Rocha Melo, que fez pesquisas nessa área de infância guarani. Então, o interesse de pesquisar com esta mesma linha de pensamento me fez pensar num projeto de pesquisa de mestrado: a nomeação da criança *mbya* guarani e a relação dos nomes com o *nhe'é*, os vários lugares do cosmos e as características que a criança assume dentro da sociedade indígena *mbya* guarani.

Mas, bem no início, quando comecei a estudar no Ensino Superior, fazendo a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, em 2011, me deparei com algo que nunca tinha percebido anteriormente, sobre o meu nome *nhe'e.*, que escrevo aqui. Isso aconteceu na minha entrada na Universidade e também quando comecei a frequentar reuniões importantes de lideranças, como a Comissão *Nhemongueta*. A *Nhemongueta* é uma organização feita pelas lideranças guarani de Santa Catarina, onde podem entrar os caciques e pessoas convidadas. As discussões são voltadas para toda a forma de política governamental, e também algumas políticas internas, mas a última, com algumas ressalvas. As discussões são mais voltadas para educação, saúde, demarcação de terra. A *Nhemongueta* não tem CNPJ, e não é constituída formalmente; ainda é umas das formas tradicionais, onde as discussões são feitas oralmente, e dali, se precisar, sairão documentos para os órgãos governamentais competentes. A organização tem um coordenador no Norte e um no Sul do estado, e estes ficam com o papel de enviar os documentos e fazer as reuniões.

Em 2011, fui convidado a participar como membro dessa organização, pois já era professor e desde 2005 trabalhava na parte da educação escolar indígena. Quando entrei na comissão *Nhemongueta* fiquei mais interessado sobre a educação escolar indígena. E houve várias reuniões em vários lugares do estado e do Brasil, seguindo essa forma de discussão voltada para a educação. Foi nessa época que comecei a me interessar pelo nome *mbya guarani*, que nesse caso, era o meu próprio nome, *Werá*. Por meu envolvimento com várias lideranças e falas, me escutavam e respeitavam, mesmo eu sendo mais jovem. Isso me levou a tomar várias

lideranças. Algumas pessoas começaram a questionar sobre meu nome, falando que eu não deveria ser *Werá* mas, sim *Karai* (pajé) porque são os *Karai* que tem o papel de liderança nas aldeias. Eu, na época sabia muito pouco sobre o significado de meu nome. Sabia que significava relâmpago, mas não sabia que era mais complexo. Em conversa com minha mãe, comecei a entender o significado real de meu nome e qual era meu propósito aqui na Terra. A cada vez que eu sabia mais sobre meu nome, mas eu gostava e sentia que este era meu nome verdadeiro, que esse era meu *nhe'e*. Com isso, comecei a me interessar mais sobre a questão da infância *mbya* e os processos de nomeação, porque é na infância que ocorre todo esse processo de troca de nomes e também as fases que a pessoa passa durante vida.

Com o tempo, fui percebendo que essa relação com os nomes também acontece com outras pessoas, como no caso do seu Alcindo Moreira, que é *Wera Tupã*. O coloco como exemplo devido ao nome dele ser também *Werá*, igual ao o meu, mas ele é um *Karai* (pajé), com grandes conhecimentos nas curas e nas ervas medicinais. Outras vezes, os nomes são como uma forma de esconder os espíritos verdadeiros das pessoas, e que muitos *nhe'e* andam camuflados entre nós. O senhor Alcindo mora na aldeia *Yynn Moroti Wherá*, Biguaçu, Santa Catarina.

Antes de me aprofundar nessa pesquisa sobre os nomes, eu sabia muito pouco sobre eles, suas mudanças e sentidos e trocas de nomes. vocês, meus leitores, entenderão mais sobre essas mudanças no decorrer da leitura.

O pensamento de como fazer a pesquisa se deu quando eu comecei a fazer o mestrado em Antropologia. Com os estudos teóricos desenvolvidos com os professores nas aulas, comecei a entender de como eu faria o trabalho e poderia desenvolver o tema que eu queria. A pesquisa seguiu de forma etnográfica, com observações e entrevistas na minha comunidade, participando de cerimônias *Nhemongarai* realizadas em Biguaçu (2017, 2018 e 2019) e *Itanhaém* (2018).

Também realizei pesquisa bibliográfica, sendo que foram lidos alguns autores clássicos sobre o povo guarani e povos indígenas. Essas leituras serviram para eu entender como é a escrita acadêmica e também como cada autor escrevia seus textos, como Bartomeu Meliá (1986), Egon Schaden (1945), Curt Nimuendaju (1987), Leon Cadogan (1959). Precisei também ler alguns autores para entender como fazer o trabalho teórico, como Claude Lévi-Strauss (2011), Eduardo Viveiros de Castro (2002), e também entender como era feito o trabalho em si, pois no início foi muito difícil eu escrever e perceber como eu estava escrevendo a pesquisa. E, claro, li também autoras que pesquisam crianças indígenas, como Clarice Cohn

(2000) e Antonella Tassinari (2007) e, além desses, outros autores (que serão citados ao longo do texto) que me ajudaram a pensar e compreender o trabalho. Mas já coloco aqui que nem todos são citados em relação ao tema, mas eu quis colocar no texto porque esses autores me ajudaram a compreender as formas de linguagens e escritas, abrindo assim a minha mente para eu redigir a pesquisa, pois no início foi difícil colocar os pensamentos não indígenas e acadêmicos de forma que os leitores pudessem entender o que coloco na pesquisa e o que eu quero passar para os leitores.

Logo, com todos esses textos e muita ajuda dos professores e orientadora iniciei a forma de pesquisa, trabalhando com as pessoas da comunidade onde vivo, com crianças e jovens e também com os mais velhos. Claro que não foi possível pesquisar todos, mas tive que ouvir os relatos, para entender sobre seus nomes e como se dava essa questão. A observação foi muito importante, pois a cada momento via várias situações de nomes e suas mudanças. Teve momento em que pude participar de três rituais de batismo dos alimentos, o *Nhemongarai*, onde também se deu o nome de crianças e, em alguns casos foram trocados seus nomes. As participações foram na comunidade de Biguaçu e também na minha própria comunidade. Pude também observar as trocas de nomes realizadas pelos próprios pais e familiares, além de crianças se darem os próprios nomes, tudo isso no período do início do mestrado até este momento.

A parte de escrita foi a mais difícil, pois os pensamentos são diferentes, imaginar na língua *mbya* e transferir para a escrita em português é complicado, faltam palavras e, às vezes, as frases ficam sem sentido. Espero ter conseguido transmitir o meu pensamento ao leitor, na forma escrita dessa dissertação.

No capítulo um, será apresentado o lugar onde se desenvolveu a pesquisa e algumas informações sobre o povo guarani, em particular, o povo *mbya* guarani, com a visão de um etnógrafo *mbya* guarani que redigiu esse texto. Quais são as famílias que vivem na comunidade e sua forma de vida? E como gostam de ser chamadas, e as mudanças e termos que são chamados pelos *jurua* (homem branco) com a mudança dos tempos? E qual é a justificativa da escolha dessa comunidade, em particular, para o tema tratado.

Já no capítulo dois, parti de algumas questões sobre a escolha dos nomes, as trocas e mudanças de nomes e seus significados, as divindades que tratam dos nomes, os nomes e seus apelidos familiares, o nome *nhe'e*, nome espírito. Tratei também da infância e suas características, modos de vivência e comportamentos nessa fase, devido aos nomes recebidos.

O terceiro capítulo trata propriamente da nomeação, tanto no ritual *Nhemongarai*, quanto nos outros locais onde são dados os nomes: a *Opy* (casa de reza), a casa. Também explico, que os nomes podem ser dados por várias pessoas.

Considero que a importância desse trabalho é apresentar uma pesquisa etnográfica feita, como já mencionado, por um *mbya* guarani, e que as informações aqui colocadas serão levadas para outras pessoas da comunidade indígena, que também poderão pesquisar sobre a nomenclatura por eles recebidas. Assim, outras pessoas podem ter interesse em pesquisar e poder ampliar este trabalho aqui proposto.



Figura 3 – Aldeia Itanhaém. Fotografia do autor, 2018.

MINHA AVÓ FALOU SOBRE O MILHO

Era uma vez, uma aldeia onde tinha muito pouco *mbya* guarani, e ela era bem pequena. Essa aldeia era muito religiosa e eles rezavam toda noite para *Nhanderu*. Um dia depois, *Nhanderu* mandou um homem para a aldeia. Ele chegou com duas *ajaka* (cesto). de *avaxi* (milho). Um com o *avaxi ete*, o milho do guarani, e outro com o milho *tupi*, do homem branco. E o povo da aldeia convidou o homem para entrar na *Opy*. E perguntou quem era o *Karai* e mandou que este se aproximasse, chegando bem perto das *ajaka*. Falou para o *Karai* escolher, havia um cesto bem maior, e um cesto menor, mais simples.

Karai escolheu o cesto que era pequeno e simples, e nele havia o milho guarani. E o homem falou que este, então, seria seu milho, o milho guarani. E que o milho que estava no cesto iria dar para outro povo, os *Jurua* (homem branco).

Foi minha falecida avó, que contou esta história, que já ouvira de sua mãe. E falou também que é por isso que o *jurua* tem bastante milho tupi, e que vai ser difícil de acabar.

O milho guarani é diferente, se a gente não cuidar bem dele, irá acabar bem rápido. Porém é difícil de encontra-lo, só algumas pessoas cuidam, são os guardiões como, por exemplo, as pessoas mais velhas da aldeia. Mesmo assim, às vezes eles têm muito pouco. Por isso, devemos sempre plantar, para podermos deixar para nossas futuras crianças.

Depoimento de Lidiane Benites *Ará* 2018.

CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DO POVO GUARANI E A COMUNIDADE PESQUISADA

Desde bem antes da invasão dos nossos territórios pelos europeus neste continente, o povo guarani já habitava aqui, desde o norte do país até o Sul, Centro-Oeste e Litoral. Muitas pesquisas mostram que o povo guarani teve início de um único povo tronco e foi se repartindo até chegar às etnias que somos hoje. O povo guarani tem várias divisões dentro dele mesmo, e as regiões onde vivem falam por si só. Esse é o caso do povo indígena Kaiowa, que entre eles não se chamam de guarani, mas quem está de fora chama de Guarani Kaiowa. Mesmo entre os dois subgrupos presentes no Sul do país, como os povos *Mbya* e *Nhandeva*, há vários elementos distintos que podemos observar, por exemplo, suas rezas, cantos, e a própria nomeação, são nomes diferentes. Também tem os guarani que vivem em outras partes do seu território, onde estão, atualmente os países chamados Bolívia, Argentina, Paraguai. Antes, era um território só, chamado pelo povo guarani de *Awyrupa* (um território de ocupação). Mas por causa de divisões territoriais dos não indígenas, chamam hoje de país e estado, o povo ficou dividido.

Mas teve um povo que sempre se alojou na região litorânea, que é o povo guarani *mbya*. Desde milhares de anos, vivemos neste espaço litorâneo, apesar de alguns estudiosos dizerem que não e que somos descendentes de outros povos que já viviam por aqui. Mas temos histórias que sempre são contadas pelos anciões, de como surgimos e sempre estivemos nesta terra desde que *Nhanderu* a fez, sempre à procura de uma terra sagrada, ou a Terra sem Males, *Yvy Marãey* como sempre foi e ainda é chamada assim, pelo povo *mbya* guarani.

Em relação aos povos indígenas do Brasil, hoje somos 305 povos diferentes uns dos outros e que falamos 270 línguas, com suas tradições culturais únicas e específicas de cada povo. O Brasil tem essa riqueza de povos e línguas. Aqui no estado de Santa Catarina, há atualmente quatro povos: Kaingang, Xokleng, o Xetá, e Guarani, sendo que o Guarani tem suas divisões, dentro do grupo, como mencionado antes. Na literatura antropológica, há as divisões entre *Nhandeva*, Kaiowá e *Mbya* (SCHADEN 1959). Hoje esses nomes *Mbya*, *Nhandeva*, por exemplo, são nomes dados pelos *jurua* (não-índios), pois o nome *Mbya*, significa gente, que é diferente de animal. E *Nhandeva* significa, “nós”, que para o povo guarani, também tem um significado que diz ser diferente de animal. Esses são termos usados no contraste com gente e não-gente. Mas há as divisões mais antigas, por exemplo, muitos estão se identificando por *Xiripá*, que é diferente de *Mbya*. As diferenças são poucas. Algumas pessoas falam que os guarani *Xiripá*, tem seus cabelos enrolados, e os *Mbya*, cabelo liso. Mas não só se define por

isso, porque tem alimentos e rezas um pouco diferentes. Ainda hoje, alguns mais velhos da comunidade se definem por esses nomes mais antigos; por exemplo, meu avô era *Guajaki* e minha vó, *Tambeopé*, que são nomes de grupos guarani que hoje não são mais usados, assim como o *Paim*, outro grupo que está desaparecendo. Se chamavam assim, porque uns gostavam de ser semi-nômades, pois não paravam em lugar nenhum, ficavam uns dois ou até cinco anos num lugar e depois mudavam à procura de novas terras. Havia também outros grupos que já gostavam de viver em um lugar só, e construir seus cemitérios perto de onde eles ficariam para sempre. A definição desses grupos era e ainda é por causa da alimentação, regras que eles ainda têm e que deve ser seguida, por exemplo: rituais, cantos e danças.

Mas hoje, pela expansão do nome *mbya* guarani, todos os guarani do litoral são chamados assim, mesmo que ainda existam, em algumas aldeias, poucos que se denominam *Nhandeva* e *Xiripa*. Por exemplo, na minha aldeia, quando falamos sobre a nossa ancestralidade, meus avós lembram que são *Tambeopé*. Mas isso não é uma identidade que se coloca em contraste a ser *Mbya*, que é um termo genérico para contrastar com outros povos (*Kaingang, juruá*).

Apesar das diferenças, há muitas coisas em comum com os *Mbya*: a nomeação, a forma de organização nas aldeias, a dança do *Xondaro*, (guerreiros) que são iguais. A dança do *Xondaro*, que é algo comum, é ensinada na fase de criança, pela lei do *Nhandereko*. E que mesmo um *mbya* guarani, que nunca tenha visto outra pessoa de outra região mais distante, quando se encontrarem, eles conseguirão fazer os mesmos passos de dança do *Xondaro*. É distinto também, pela própria língua, por ter uma entonação diferente e por muitas palavras que só *mbya* guarani sabe. Além disso, na nomeação que é dada, os nomes são completamente diferentes e os rituais seguem em linhas distintas também.

Os nomes *mbya* guarani são relacionados aos seres celestes e espirituais, que vêm das divindades. Existe cuidados ao darem e receberem os nomes; são guardados unicamente pelos familiares e pelo *Karai* que deu o nome. Essa forma de tradição de nome é importante, porque o *mbya* guarani tem como se fosse uma lista de nomes que podem ser dadas, o que veremos mais adiante no texto.

Hoje, em Santa Catarina, o povo *mbya* guarani, vive na região do litoral, ainda que um pequeno grupo viva na região oeste de Santa Catarina (aldeia Limeira) e na terra indígena Kaingang em Chimbanguê, Chapecó, outro no Alto Vale do Itajaí na aldeia junto com o povo Xokleng, sendo que nesses dois grupos e aldeias citadas, vivem sob ordem das lideranças das aldeias Kaingang. Mas a maioria das aldeias está localizada na região que vai da cidade de Garuva até a região de Imarui. Entre estes dois extremos, estão a maioria das aldeias: Aldeia *Tarumã*,

aldeia *Pirai*, aldeia *Garuva Yaka Porã*, aldeia *Pindoty*, aldeia *Tarumã Mirim*, aldeia *Jabuticabeira*, aldeia *Yvapuru*, aldeia *Conquista Jataity*, aldeia *Reta Tekoa Yvyju*, aldeia *Laranjeira Morro Alto*. Estas aldeias são o que nós, guarani, chamamos de região norte. E as aldeias de Major Gercindo *Tekoa Vyá*, aldeia *Canelinha*, aldeia *Tekoa Itanhaém* Morro da Palha, aldeia *Amaral Mambá Roka*, aldeia *Amancio*, aldeia *Tekoa Porã*, aldeia *Yy Moroti Wherá*, aldeia *Praia de Fora 1*, aldeia *Praia de Fora 2*, aldeia de *Cambirela*, aldeia *Yaka Porã*, aldeia *Morro dos Cavalos*, aldeia *Maciambú*, aldeia *Imarui*, onde vivem, um total de mais de 2 mil guarani. Há, ainda, os que se auto denominam *nhandeva*, sendo 1% do total. Hoje estão vindo da região do Mato Grosso do Sul e Espírito Santo os que se denominam *Xiripa*, cerca de 300 indivíduos. Hoje, pelos dados de minha pesquisa, está havendo um processo de mistura entre quem se denomina *mbya* e *xiripa*.

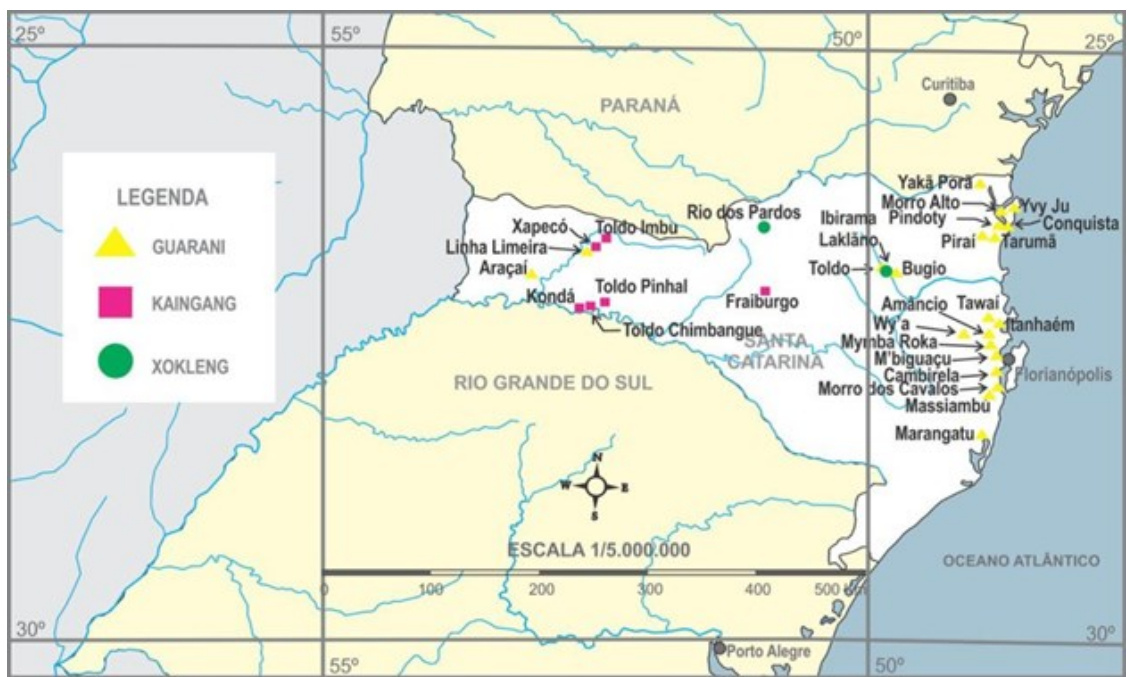


Figura 4: Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina.

Fonte: Clovis Antonio Brighenti, 2012. Elaborado por Carina Santos de Almeida.

A maioria das aldeias nesta região citada, está em processo de demarcação, algumas são compradas por ações indenizatórias, compensações de processos ambientais. Dentre todas, só uma está demarcada, que é a aldeia de M'Biguaçu, *Yy Moroti Wherá*. Muitas esperam homologação, como é o caso da aldeia do Morro dos Cavalos e outras na mesma região e também na região norte do estado.

As terras acima citadas que são compradas, através da compensação são quatro aqui na região: a aldeia Major Gercindo, Canelinha, Amaral, e Morro da Palha, esta última também chamada de *Itanhaém*, onde resido e fiz a pesquisa.

As formas de subsistências em todas as comunidades guarani do litoral de Santa Catarina, se baseiam na produção de artesanato para a venda nas cidades e praias, principalmente na época do veraneio. A população guarani sofre pela escassez de materiais para tal confecção porque a maioria destes recursos não existem nas aldeias, pelo espaço limitado; muitas vezes é preciso buscar o material fora dos espaços territoriais ou nos limites e fronteiras.

Um outro fator que vem resistindo e continuando cada vez com mais força, desde os tempos primórdios, são as formas de subsistência na parte de alimentação e ervas medicinais. A alimentação vem em crescente escala de crescimento e são produtos específicos do *mbya* guarani, que tem um papel importante para o desenvolvimento da criança. Estas plantas também fazem parte dos cerimoniais feitos nas aldeias, como por exemplo o ritual *Nhemongarai* que vem sendo feito cada vez mais. Nessa ocasião são batizados os alimentos para que continuem a produzir alimentação saudável e tradicional dos povos. Mesmos com os espaços pequenos e terras inférteis, está se conciliando a mata e a plantação, para trazer uma terra fértil e que venha a dar um bom sustento ao povo.



Figura 5 - Milho *mbya* guarani *awaxi ete'i*. Foto do autor, 2018.

Os alimentos plantados nas aldeias são: (*mandió*) mandioca, (*jety*) batata doce, (*komanda*) feijão, (*xanjáu*) melancia, (*takua re'e*) cana, (*manduwi*) amendoim, e o (*awaxi ete'i*) milho *mbya* (figura 5). O milho tem várias espécies e nomes diferentes, e é uma espécie de símbolo *mbya*, pois é com ele que se faz o *kaguejy*, (milho fermentado) uma medicina, que é fermentada e, depois de alguns dias, bebida para cura e em cerimônias. É a única bebida fermentada e é considerada uma medicina tradicional do povo *mbya* guarani e muito apreciada. Além de que o milho está em quase todas os alimentos do dia a dia, como o *mbaypy*, uma sopa de milho, o *mbojape*, o *kaarepoxi*, o *kawuré* (figura 6), o *mbytá*, o *rorá*, o *awaxikui*, o *xipá*. É um dos principais alimentos para o ritual *Nhemongarai*.



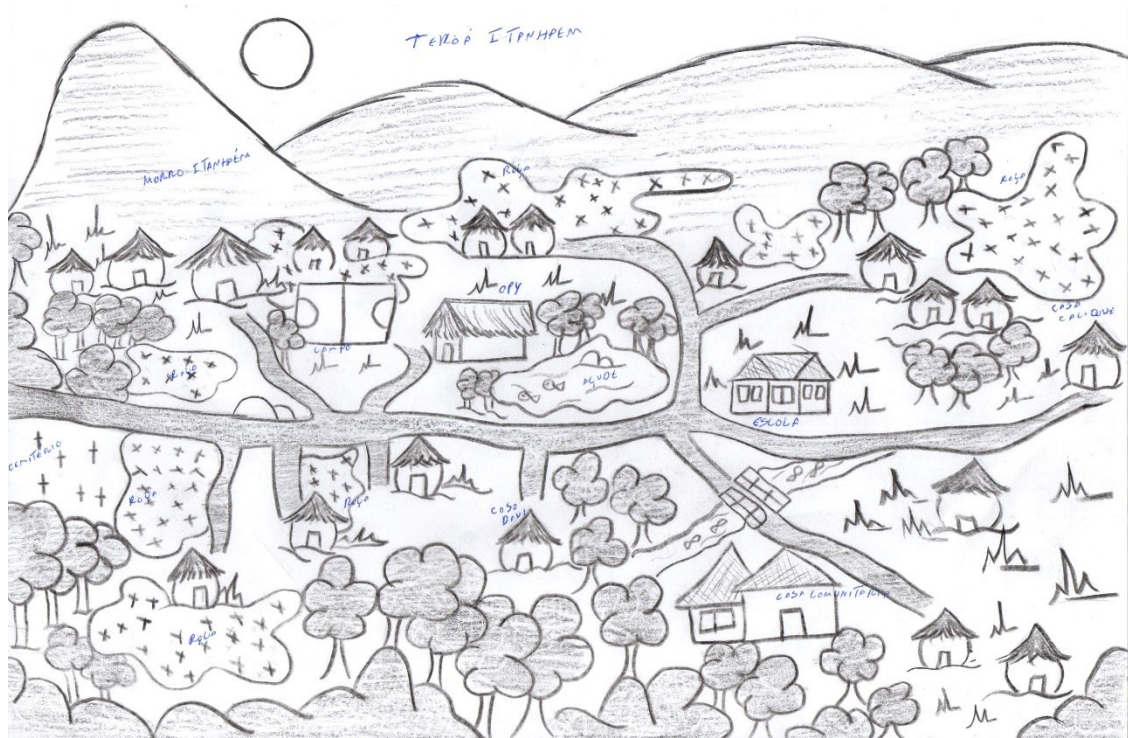
Figura 6 - Alimentos tradicionais. Foto do autor, 2019.

As ervas medicinais são muitas e os *Karai* as conhecem bem, a mata, e os dá e eles têm contribuído para um corpo mais saudável. Entendemos que os corpos ficam saudáveis não só através de alimentos, mas com banhos de ervas, para descanso do corpo, pois nosso povo, para estar bem, também tem que estar com um corpo leve. Isso só é feito através de banhos de ervas. Além dessas, são importantes as ervas de encantamentos, sobre as quais algumas famílias ainda retêm os conhecimentos, por exemplo os *Ka'awó*. Em relação a essas ervas medicinais, é importante que existam no território onde o *mbya* ocupa, pois sem elas não tem como fazer as rezas, as curas e os rituais e batismos. Uma erva que é utilizada no benzimento, é *ka'a*, a erva mate, pois todos os guarani a utilizam o tempo todo, e é uma forma de relaxamento do corpo e espiritual. Outras ervas são o *petyngua*, que serve para os rituais e benzimentos. A erva mate é tomada antes dos benzimentos e durante as cerimônias, mas também é tomada nas casas, o dia todo.

A aldeia Morro da Palha, onde a pesquisa foi feita, foi uma terra comprada, para reunir famílias parentes que estavam residindo em lugares e regiões diferentes, tanto da região de Chapecó, São Paulo, Joinville e Imaruí. Essa aldeia se iniciou em 2007, com algumas famílias

vindas de Imaruí e da cidade de São Paulo/SP. No final de 2010, eu e minha família chegamos para morar, onde estamos morando desde então. Minha avó, meu pai, meus tios, tias e primos também já moravam nesta aldeia.

Figura 7 – *Tekoá Itanhaém*. Desenho de Júlia G. P. Narciso, 2019.



A aldeia chamada Morro da Palha, na verdade o nome é *Itanhaém*, como mostra o desenho acima. O nome Morro da Palha se deu porque neste mesmo lugar antigamente o nome era fazenda Morro da Palha, e ficou assim também conhecida como aldeia Morro da Palha por toda a região. O termo *Itanhaém*, segundo o antigo cacique (Timóteo de Oliveira), quando lhe perguntei, apontou e deu o significado “em direção à pedra”. Pois tem uma grande pedra na aldeia que está localizada em cima de um morro. Já de longe a gente consegue avistar, mas chegando ao topo tem uma planície, e é onde ficam as casas e roças familiares.

A maioria ainda, como outras comunidades, tem sua subsistência através de roças familiares; a confecção e venda de artesanato é muito forte, mais frequente nos tempos de verão. Algumas pessoas tem empregos assalariados na própria aldeia, como professores (contratos do

Estado), agentes de saúde e agentes sanitários (contratos da SESAI, Secretaria Especial de Saúde Indígena), agentes de comunicação e agentes ambientais contratados pela Auto Pista, devido ao impacto ambiental do contorno viário de Florianópolis. E essa foi uma das formas da empresa pagar essa compensação. Algumas pessoas mais velhas recebem aposentadoria rural, o que os ajuda a manter a família e cuidar dos netos.

A comunidade é composta de três grupos familiares, e dali se estendem as famílias e que se dividem em casais, onde a maioria das crianças, jovens e adultos são parentes, ou tem grau de parentesco.

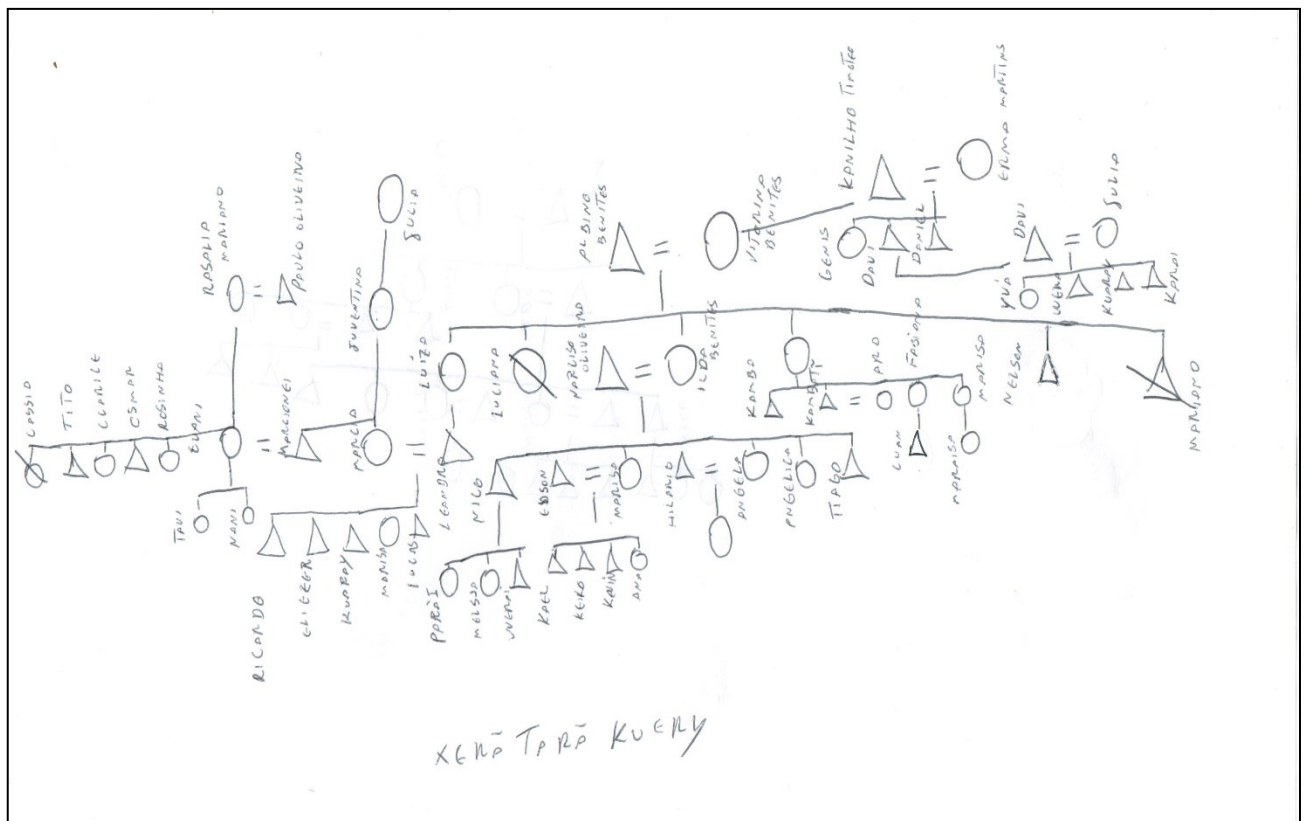


Figura 8: Meus parentes.

Fonte: Gráfico de parentesco elaborado pelo autor. Gráfico produzido por Amanda Bouvié em anexo.

Como exemplo, na figura acima, apresento os meus parentes residentes em Itanhaém. A aldeia se compõe de três famílias iguais a esta, formando um grupo familiar de parentes. As famílias Benites e Oliveira são quase que parentes distantes, como fossem primos de terceiro grau. Pois não é de hoje que se sabe que as comunidades indígenas guarani, fazem casamentos

entre parentes distantes, para que os laços familiares fiquem cada vez mais fortes e para que não ocorra a mestiçagem ou o branqueamento. Os nomes acima colocados no quadro de parentesco correspondem aos nomes pelos quais são chamados atualmente, não colocando sobrenomes em *jurua*. A pessoa mais idosa da comunidade tem 110 anos de idade, a qual chamamos de *xejary'i guaxu'i* (é chamada a pessoa mais idosa da aldeia) Julia e meus avós Albino e Vitorina tem 100 anos de idade.

KUARAYE JAY - O SOL E O LUA

No início, bem antes de todos nós nascermos, os animais e os espíritos superiores vinham para a terra e conversavam com a gente. Então, num dia desses, um ser superior desceu para a terra e casou-se com uma índia guarani, teve dois filhos com ela. Um já estava grandinho, já caminhava, e o outro estava na barriga, pois a mulher estava grávida. Mas quando a mulher engravidou, ele foi embora, mas disse que quando a mulher precisasse dele ela podia ir atrás, e que seu filho que estava na barriga saberia o caminho, pois naquele tempo os pais falavam com os filhos que estavam ainda na barriga. A mãe contava causos e cantava para ele. O irmão que era mais grandinho também gostava de brincar com seu irmão. E um dia a mulher queria ir atrás de seu esposo, então pediu que seu filho que estava na barriga mostrasse o caminho.

Saíram da aldeia e seguiram por uma trilha na mata. E sua mãe perguntava e o menino respondia e mostrava o caminho certo. E a todo momento o menino que estava no ventre de sua mãe pedia para sua mãe uma flor. E no caminho por onde estavam indo era cheio de flores. Mas em um certo momento sua mãe foi pegar uma flor e tinha uma mamangava que mordeu ela, então ela ficou brava e não quis mais pegar flor para o menino. E seguiu o caminho, mas quando chegou numa encruzilhada, onde tinha dois caminhos, ela perguntou para o menino, mas ele estava com raiva de sua mãe e mostrou o caminho errado. E esse caminho pegava para uma aldeia de *Jaguarete* (tigre de verdade), era muito perigoso eles passarem por ali. Mas, chegando na aldeia de *jaguetê*, encontraram uma velha senhora, que falou: Vão embora senão meus filhos enxergam vocês e irão comer vocês. Mas estava escurecendo e a mulher quis ficar. E a velha também tinha gostado das crianças. Então a velha os deixou ficarem, mas deviam sair bem cedo. E escondeu a mulher e os meninos dentro de um balaio grande onde colocavam mandioca. Logo seus filhos chegaram cansados e com fome porque não tinham caçado nada para comer. Mas sentiram o cheiro de gente e começaram a procurar. Reviraram tudo e logo os acharam. A mãe mandou o menino correr para a mata. E menino que estava na barriga falava que não iria correr e iria lutar com os *Jaguetê*. Mas a mãe não conseguiu, pois estava muito barriguda. Eles pegaram a mulher e rasgaram tudo cada um pegava um pedaço, o menino que estava dentro da barriga logo saiu para fora, mas ele era muito rápido e eles se cansaram e não conseguiram pegar. Então a velha se meteu na frente e disse que era para eles pararem. Que ele só podia ser filho de superiores por isso não foi morto. E que ela iria cria-lo como filho seu, e dali pra frente seria parte da família.

Mas o irmão maior escapou e jurou se vingar, por tudo que eles tinham feito para sua mãe. Cresceu e sempre estava de olho no seu irmão mais novo, vendo tudo o que ele aprendia e que coisas que os *Jaguarete* gostavam de comer. Ele sempre queria falar com seu irmão, mas ele tinha medo deles pois a família crescia rapidamente. Um dia ele teve coragem e foi até perto de um rio onde os *Jaguarete* gostavam de comer *Guaviró* (guabiroba). Ficou só observando, eles tinham que passar por um tipo de pinguela feita de *uabirovam*, tronco de árvore. Então quando eles foram passar, ele começou a balançar aquela ponte, e eles iam caindo na água um por um e virando lontra. Mas aqueles que não caíram na água corriam de um lado para o outro muito bravos. Nisso ele conseguiu encontrar o seu irmão e contou toda a história para ele. Então foram para a aldeia e mataram todos os *Jaguarete* que estavam na aldeia. E só sobrou os que estavam no outro lado do rio. Por isso ficou pouco *Jaguarete*...

(História contada por uma grande sábia, minha mãe *Takua*, falecida em agosto de 2011. Esse conto é só uma pequena parte da história verdadeira)

CAPÍTULO 2: DESCRIÇÃO DA INFÂNCIA GUARANI E ASPECTOS COSMOLÓGICOS RELACIONADOS À NOMINAÇÃO

Como já falado, essa pesquisa partiu de algumas questões: por que escolher os nomes? Por que algumas pessoas trocam de nomes? Para entender essas respostas é preciso falar sobre a infância guarani, o nome-espírito *nhe'e*, as moradas divinas e outros aspectos que serão tratados nesse capítulo.

2.1. POR QUE ESCOLHER OS NOMES?

Nesse momento procuro falar sobre os limites e desafios encontrados por quem dará o nome a cada indivíduo, do gênero masculino e feminino. Através dos nomes dados, cada criança demonstra certo tipo de qualidade ou características, que os familiares reconhecerão durante os processos ocorridos na infância da criança, ou seja, o *Nhanderekó*). Desde pequenos, as crianças vão entendendo as regras, a lei do *Nhanderekó*.

Cada comunidade *mbya* guarani ou *Tekoá*, tem uma circulação própria de nomes que são dadas quando a criança completa dois anos de idade, estes são nomes e sobrenomes *mbya*. E também há os nomes em português (usados nos documentos oficiais) e os apelidos, dependendo do costume de cada família. Ou no caso de costumes de macro-famílias que ocupam mais de uma aldeia, ou até mesmo de certas regiões. Na minha aldeia, por exemplo, há uma família que costuma dar apelidos de peixes às crianças. Como resultado, uma criança pode ser chamada por três ou mais nomes.

Além disso, há termos que se referem às fases da vida da criança, já que tem diferentes etapas ou fases que a criança passa, não existe ritual para isso. Mas quando a criança é recém-nascida, é chamado de *Pynta* (vermelhinho). Esta fase dura só nos primeiros dias ou semanas. Depois tem a fase *mitai*, é quando ele é neném de colo (mas tem um porém: as mulheres *mbya*, carregam seus filhos no colo até quando completam mais ou menos quatro anos).

Logo passa para a fase de *xixi i*, e nesta fase pode ser chamado assim até uns cinco anos de idade. É na mudança de fase, de *mita'i* e *xixi'i* que pode ser dado o nome *mbya*, que estou chamando de nome-espírito. O nome da criança é usado antes de completar três anos, antes de fazer o ritual ou cerimônia de nomeação, ou não. Enquanto não recebe o nome verdadeiro, o bebê ou criança é chamado do nome em *Juruá* ou qualquer nome ou apelido.

Portanto, a nomenclatura, para os *mbya*, pode ser dividida em três tipos diferentes de nomes. Tem os nomes verdadeiros, vindo das divindades, nomes *jurua*, e os apelidos. Como expressa Tassinari, (2007), ao falar da infância indígena, entre os Guarani, ressalta-se sua proximidade com os deuses através do nome. Em outros casos, ressalta-se sua semelhança aos animais, numa concepção muito difundida de que os animais são também “gente”, embora de uma qualidade corpórea diferente da nossa, que os fazem ter seus próprios “pontos de vista”.

Dentro dos apelidos que as crianças que recebem, pode ser por causa de uma característica da pessoa, como tom da pele (*kambá* para moreno, *kambaxim* para branco), característica do corpo (*karapé* para baixo, *kyrá* para gordo, *ipiru* para magro, *ywaté* para alto, entre outros) ou posição na família (*pyre* para menina mais nova) ou mesmo nomes de animais como *karumbé* (tartaruga), *akará* (peixe cará), *xangó* (peixe joana), entre outros. Esses apelidos (Figura 9- crianças brincando umas com as outras) como no caso do menino que segura a menina maior, o apelido dele é Girafa; os apelidos são aceitos de forma natural pela criança e os familiares. Uma coisa interessante é que esses apelidos podem ser mudados a qualquer tempo, conforme as crianças vão mudando de fase, sempre que for necessário.



Figura 9- Crianças com apelidos. Foto do autor, 2019.

Os apelidos são importantes para as crianças pois acredita-se que pode esconder o *nhe'* e da criança, através deles. Por exemplo, Paulo (nome *Jurua*), *Karai*, (nome *mbya* guarani) e

kamba (apelido); exemplo feminino: Maria (nome *jurua*). *Jaxuka* (nome *mbya*), *Pyre* (apelido). Então o nome *jurua* tem pouca significância em relação ao nome *mbya*, a não ser para fazer registro de cartório quando a criança nasce.

Portanto, se dá um nome *jurua* qualquer. Já os apelidos são muito mais importantes e frequentes nesta fase. A concretização ou a efetivação do nome verdadeiro ou *mbya* só se dará a partir dos rituais necessários para o indivíduo, que neste caso é uma criança, para que esta consiga receber o nome *mbya* que levará durante toda a sua vida.

Para compreender os processos para a nomeação da criança, pesquisei um ritual chamado *Nhemongarai*, e também outros processos, de como se dá a nomeação da criança *mbya* guarani, e quais os cuidados necessários que os pais devem ter para receber o nome da criança.

Nhemongarai é um ritual que se prolonga por vários dias e noites, onde são batizados os alimentos, principalmente o milho. É também a ocasião onde se concede o nome para as crianças, o nome verdadeiro. Aí estão, também, os familiares, os *Karai* (rezadores) e tudo acontece na *tekoa*, e principalmente na *Opy*, praticando e seguindo o *nhandereko*, sempre dançando e cantando, (*jerojy*).

O modo de ser guarani, o *nhandereko*, são as leis, normas e ensinamentos que o *mbya* deve seguir desde a infância até a idade mais velha, onde aprende os ensinamentos de como ter um corpo e espírito saudável e ter um bem viver durante a passagem na terra. E só os mais velhos da comunidade é que conhecem melhor sobre o *nhandereko*, pois já passaram por toda as fases. As crianças e jovens, nessa fase, estão aprendendo e praticando. Quem não segue, pode ter uma vida difícil, pois não segue o caminho de ser um *mbya*. E isso é muito prejudicial, porque pode ter várias consequências que no futuro podem prejudicar seus filhos. Porque é com o *nhandereko*, que se aprende a como respeitar os mais velhos, de como se comportar dentro da *opy* e em casa. Respeitar os animais, as plantas, e saber fases de lua, de plantio, fases de desenvolvimento do corpo e espírito da criança. É no *nhandereko* que se aprende a dançar e cantar. Como exemplo, se um *mbya* guarani, aprender a dançar ele nunca esquecerá, como a dança do *xondaro*, que é uma dança de guerra e preparação para o corpo e espírito da criança. Além dos contos e histórias, que são fundamentais para o desenvolvimento do ser *mbya* guarani, é ali que aprendem o fundamento e surgimento do povo *mbya* guarani, desde seu início.

O que observei é que existem distintos processos de aprendizagem, que a criança tem, através de seu nome, e como é o desenvolvimento desta criança dentro deste processo de transformação e mudança de nomes, analisando a importância do nome, para a formação de uma pessoa “boa”, (*nhe'e, angué*), alma e espírito tendo em vista a relação da criança com o

nome e com o cosmo. Na figura 10- a mãe leva para cerimônia de alimentos, para a criança aprender desde a infância. Muitas pessoas usam a palavra *angué* para referenciar o espírito, mas esta palavra é mais utilizada para expressar o significado de alma. Para o povo mbya guarani, a alma tem o significado de um vento que enche o nosso corpo e ajuda o *nhe'e* a se movimentar e dar leveza no corpo, pois sem o *nhe'e* e o *angué*, não conseguimos sobreviver pois um necessita do outro.



Figura 10- Mãe com a criança em festa da comunidade com alimentos tradicionais. Foto do autor, 2019.

2.2. A NOMEAÇÃO *MBYA* GUARANI

Dentro do grupo étnico *mbya* guarani, meu nome é *Werá*. Sempre procurei saber o porquê, e de resposta imediata, as pessoas diziam que significava o relâmpago mais forte dentro do trovão. Mas o sentido ficava meio vago. Pouco tempo depois, comecei a perceber que o nome tinha um sentido mais eficaz na vida das pessoas e que dependendo do nome que recebiam, era designado algo para fazerem durante sua vida.

Nas pesquisas com crianças, Christina Toren (1999) traz um modelo analítico onde as crianças são o foco das pesquisas, vistas como sujeitos que fazem sua história, produtoras também de micro histórias. A ideia colocada por ela é, “como nos tornamos o que somos”

(TOREN, 1999). E, assim, busquei compreender a relação dos nomes das crianças *mbya*, e como a partir deles, as crianças se tornam o que são e assim fazem parte da sociedade onde vivem.

O nome *mbya* guarani se recebe através de entidades sagradas. Tem um ser maior, chamado de *Nhanderu Ete*, (pai verdadeiro) ou *Tenondé* (primeiro). E, ao lado, os semideuses, que estão aos quatro cantos das moradas dos deuses. Chamados de *Tupã*, *Jaikara*, *Karai* e *Nhamandu*. A nomeação dada de *Werá* vem da linhagem de *Tupã*, o dono do trovão. Então cada pessoa *mbya* que recebe o nome também carrega uma certa personalidade, se tornando assim um guardião, um líder espiritual ou político, de acordo com o nome que recebe.

A nomeação pode ser dada também quando não há *Karai* (pajé) na comunidade, muitas vezes pelo pai, que sonha com o nome da criança. Acontece muito, que as crianças também se chamam pelos respectivos nomes quando estão brincando entre si. Mas é mais comum receber o nome de um *Karai*, através do ritual do *Nhemongarai*.

A Antropologia analisa rituais e cerimônias que servem como uma passagem de um estágio para outro da vida. Segundo Van Gennep (1909), em seu livro “Ritos de Passagem”, esses ritos podem ser separados em três categorias: “ritos de separação”, “ritos de margem” e “ritos de agregação”, que nos fazem entender o funcionamento das passagens que se expressam no ritual. Assim para os *mbya*, o nome caracteriza a agregação do *nhe'é*, com a criança. Porém, para Van Gennep (1909), os ritos de nascimento enfatizam a agregação do indivíduo com a comunidade, enquanto os ritos funerários, a separação. No caso do ritual de nomeação *mbya*, há uma relação direta com a cosmologia guarani e a agregação da criança pode ser pensada desse modo mais global. O *nhemongarai* é um ritual onde se consagra os alimentos, principalmente o milho e, neste ritual, se concede os nomes às crianças. No texto sobre o *nhemongarai* no qual foi dado a Curt Nimuendaju, seu nome guarani, o autor diz “aquele canto estranhamente selvagem, parecendo um sinal, através do qual o guarani procura despertar forças sobrenaturais, que se encontram dentro do seu corpo, afim de cultivá-las para qualquer objetivo religioso ou mágico” (NIMUENDAJU, 2001, p 145).



Figura 11- Alimentação tradicional *mbya* guarani. Foto do autor, 2019.

O ritual de nomeação (*nhemongarai*) dura três dias, dependendo de cada aldeia. Para realizá-lo, são buscados os alimentos tradicionais para fazer a consagração, como mostrados na (figura 11 acima): *ei* (mel), *jety* (batata doce), *manduwi* (amendoim), *avaxi ete* (milho guarani), *manjió* (mandioca), e são feitas comidas típicas, como o *mbojapé* (bolo na cinza), *awaxi ku'i* (milho socado outros produtos), *mbytá* (bolo de milho), etc. Não se faz o ritual do *nhemongarai* só com o milho, mas também com erva mate e outros tipos de alimentos, mas o mais tradicional entre os *mbya* guarani é o ritual onde se batiza o milho ou as variedades de milho.

Leon Cadogan (1959), na obra *Ayvu Rapyta*, descreve, etnograficamente, o sistema *mbyá* guarani em relação à época de plantio, sendo um tempo em que as relações entre plantas e o espírito das pessoas estão ligados, e é nesta época que a criança pode receber o nome, na hora da fartura de alimentos quando os espíritos ficam felizes e convivem na terra.

Nesta cerimônia, o *Karai* faz a reza e pede aos deuses, o nome da criança. Segundo Meliá (1986) “a prática ritual costuma impor-se o dever, mediante o *nhemboé*- oração cantada e dançada-, de assegurar firme o sustentáculo do mundo”. Fazendo o canto-dança formando um círculo, que se chama *jerojy*. É através desse canto que é recebido o nome, através de um dos

quatro semideuses, que designará o nome, que então implicará quem serão os *kurumim* e *kunhata'i* (jovens) na “fase adulta”

Quando um *Karai* não nomear uma criança, isso é muito sério, porque se acredita que o nome não dado pelos *Nhe'e*, é um indicador de que aquela criança morrerá em breve ou talvez possa absorver uma doença. A criança se sentirá mal, adoecerá, ficará triste e pode até vir a falecer, pois o nome *mbya* verdadeiro é algo essencial para a vida dela, tudo está relacionado a ele, sua construção social como pessoa, dentro de sua comunidade.

Em meio destes *nhe'é* que concedem os nomes, caminham em paralelo aqueles que podem ser chamados de *anha*, *anguéry*, (espírito mau ou outros espíritos). Eles sempre acompanham o rito, para poder levar o espírito da criança para outro caminho, que seria do lado oposto e, no caso, virando *jepotá*, uma mutação do corpo. O *nhe'é*, esse ser incorporado na pessoa, pode ser representado por um espírito animal ou humano. E a pessoa começa a ver alucinações e fica com a mente fraca.

É um dilema do bem e mal, das relações que os corpos dos duplos *mbya* - a alma e a sombra, considerados como o polo divino e animal, respectivamente, pela literatura dedicada ao contexto mais amplo dos povos Tupi- Guarani (VIVEIROS DE CASTRO, 1986). É como se cada indivíduo carregasse dois momentos em si. E isso vem refletir também quando, na adolescência, um outro rito de passagem é realizado. Há a transformação do corpo e do espírito, essa pessoa fica frágil, exposta aos espíritos que as rodeiam; então, esses espíritos podem tomar o corpo e ficar em nele. Então há dois momentos que o corpo e espírito ficam frágeis: na infância e na adolescência.

A criança, por sua vez, se ela fica sem o nome por dois anos, o seu corpo-alma fica desprotegido e é assim que entram os parentes para fazer sua proteção. Toda a rede familiar, feita por irmãos, pais, avós, tios, e pessoas que se relacionam com a família tem esse dever de proteger a criança contra algum espírito que a rodeia. Como exemplo, utilizo o conceito de “corpo de parentes” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) para falar sobre os conceitos de *tarã* (parente ou meus parentes), *xerãtarã Kuery* (que alude a um parentesco por consanguinidade), *tovaja* (que alude a um parentesco por afinidade); os nomes desses parentes ajudam e dão força às crianças que ainda não receberam o nome e cuidam desses entes. O nome da criança tem importante papel na sociedade onde ele é inserido que, nesse caso, é o povo *mbya* guarani. O que venho propor, através dessa pesquisa, é compreender o que o nome causa, com os atos de religião, política e economia do povo *mbya* guarani da *Tekoa Itanhaem*- Morro da Palha.

Por exemplo, para um guarani tornar-se um chefe religioso, liderança política, o nome principal é *Karai*. Uma pessoa mais calma e que concede conselhos é chamado de *Kuaray*. Um espírito mais guerreiro é chamado de *Werá*. E assim cada nome vai dando sentido único, para cada indivíduo que recebe esse *nhe'é* (espírito).

O nome tem uma grande importância para o povo *mbya* guarani, pois é nele que se baseia quase toda a estrutura de vida, o *Nhandereko*. Sem ele, o indivíduo, parece não existir, fica como um ser invisível na sociedade. A pessoa pode contrair doenças em seu corpo e na sua comunidade, podendo até influenciar na convivência entre seus parentes, prejudicando a religiosidade e interferindo no bem-estar, *Tekó*. Antonio Ruiz de Montoya (1639: f. 363 s) dá o significado a *Nhandereko*, “modo de ser, modo de estar, sistema, lei cultura, norma, comportamento, habito condição, costume”.

Entre vários autores que escreveram sobre o povo guarani, nenhum deles faz menção profunda sobre o guarani *Mbya*, e os nomes dados pelos *mbya* para as crianças. Ou muitos autores *Jurua*, pessoas não indígenas que fazem ou fizeram há alguns séculos atrás pesquisas sobre esse tema de pesquisa. Trago, portanto, nesta pesquisa questões específicas dos dias atuais sobre *nhandereko* e seus ensinamentos para dar o nome. e também, o *nhemongarai*, tendo o foco nos nomes das *Kyringue'i Kuery*. Localizada na aldeia *Itanhaem*, situada na região da Grande Florianópolis, litoral de Santa Catarina.

2.3. DE ONDE VEM OS NOMES *MBYA*

Na tabela abaixo apresento os nomes femininos e masculinos que encontrei durante minha pesquisa, relacionados com as divindades e com outras características do cosmos.

Os nomes abaixo são alguns nomes das pessoas *mbya* pesquisadas que vivem na comunidade, além de ter, é claro, outros nomes que não estão na lista abaixo, mas que os *nhe'e* vivem na comunidade *Itanhaém* como: *Nhe'ery*, *Takua*, *Ara*, *Enry*, *Karai Pyá*, *Guaxu*, *Jerá*, *Apyká*. (nomes próprios).

NHANDERU TENONDÉ (Criador, Deus primeiro)			
KARAI	NHAMANDU	TUPÃ	JAKAIRA
(dono da sabedoria)	(dono do poder do sol)	(dono do trovão)	(dono de tudo)
NOMES MASCULINOS			
KARAI	NHAMANDU	TUPÃ	JAKAIRA
Karai Karai tukumbo Karai Mirim	Kuaray Kuaray mirim Kuaray' Ju Karai Tataendy	Werá Wera pya guaxu Wera mirim Wera tukumbo Werá xunu Werá Tupã Werá Poty	*
NOMES FEMININOS			
KARAI	NHAMANDU	TUPA	JAKAIRA
Para'i Para Para rete Para mirim Para poty Para Poty'Já	Yva'i Yva Jaxuka Yva Rete Ara	Kerexu	*

Figura 12- Nomes guarani em relação às moradas divinas. Fonte: Elaborada pelo autor.

Muitos são os nomes dados ao grande espírito, como: *Nhanderu Tenondé*, (o primeiro pai), *Nhanderu Ete* (nosso pai verdadeiro), *Nhanderu Tuwixa* (nosso pai mais antigo), *Nhanderu tupã* (nosso pai de verdade), etc. São todos sinônimos para chamar o grande espírito verdadeiro, pai de todos, mais antigo e primeiro criador de tudo.

Nome que não pode ser mencionado. Só pode ser dito pelos *Karai* na casa de reza, ou é dado em segredo. Todos as pessoas que pesquisei mencionaram que esse nome não pode ser escrito e nem falado, pois é um nome *nhe'e* muito poderoso. E que só algumas pessoas recebem esses nomes, mas que ficam sempre camuflados por outros nomes que são usados no cotidiano.

Pois muitos relataram que é nome direto de *Nhanderu Tenondé*, o primeiro Deus. Se observarem bem no texto, tem partes em que esses nomes são escritos e mencionados aqui, mas sem ter o propósito de explicações detalhadas.

Alguns nomes quem vêm das divindades são restritas e não podem ser pronunciadas como no caso de nomes que vem de *Jakaira*, são muito raros e que quase nunca são falados ou escritos. Isto porque se acredita que só algumas pessoas escolhidas é que merecem receber o nome dele.

No caso do nome *Werá Pya Guaxu*, são nomes raros, são como sobrenomes de nomes *Werá*, e têm o significado de aquele que não tem medo e tem coragem em tudo, corpo e coração forte. Pois a palavra *PYA* também pode ser chamado de coração e de tronco do peito, ou peitoral. Como a pessoa que pesquisei mencionou, hoje não se tem mais esses nomes, mas que quando um *Karai*, ou um sabedor de nomes, reconhece um *Werá* forte, ele pronuncia este nome citado, pois vem de *Tupã*.

Alguns nomes são identificados como pessoa sem coragem, medrosa ou que não gosta de enfrentamentos, mais calma. Como no caso de *Kuaray Mirim* (sol sagrado ou sol pequeno, sol calmo) que vem dos semideuses *Nhamandu*, ou o nome feminino de *Para Mirim*, vem dos *Karai*.

Quando iniciei a pesquisa, muitas pessoas da comunidade se sentiam tímidas ou não queriam falar muito sobre seus respectivos nomes, mas com o passar do tempo foram cada vez mais se abrindo para essas conversas, e pude saber mais sobre a pesquisa. Por exemplo, como aconteceu no caso de uma pessoa que pesquisei, que se chama *Werá*, Desde a primeira pesquisa feita com ele, ele só revelava que era chamado de *Werá*. Mas quando perguntado na pesquisa atual sobre seu nome, ele respondeu que é *Werá Rete Mirim* (nome próprio) Ele revelou que só agora, neste momento da entrevista, falou sobre o nome, se sentiu mais à vontade, porque foi exclusivamente especialmente para mim. Mas que não gosta de ser chamado de *Rete Mirim* ele, mas que seu nome verdadeiro é *Werá Rete Mirim*. Sua avó o chama assim, sempre que o encontra.

Eu vejo por este lado do sentido, e também do *nhe'e*, que posso entender mais sobre os nomes dados neste momento. Pois existem vários tipos de *Werá*. Mas agora sabendo, *Werá Rete Mirim*, dá o significado de *nhe'e*, por completo. Tendo em vista que a explicação é que *Werá Rete Mirim*, tem como ser um espírito de relâmpago mais calmo e que vem meio tímido. Pois nas pesquisas feito com *Kuaray Leandro*, ele fala que seu nome é *Kuaray Mirim*. O *nhe'e* que é medroso, significado de *Mirim* dado por ele.

Mas também *Mirim*, é chamado algo sagrado, algo pequeno, algo espiritual. Então, às vezes o significado, em si, da palavra não quer dizer o sentido em que é realmente usado.

Já no caso do nome *Para Rete*, são meninas na fase da infância ou mulheres que não gostam muito de brincadeiras, os *nhe'e*, espíritos considerados mais resguardados ou tímidos, pouco conversam.

No caso do nome *Para Poty*, esse nome vem das moradas dos deuses, quando este *nhe'e* está lá em cima, gosta de cuidar das flores.

Muitos dos nomes *nhe'e* não precisam de complementos como no caso de *Werá* porque são nomes fortes, espíritos fortes, *nhe'e* poderosos. Tem também *Werá Tukumbo*, dono do chicote, ele que faz dar os estalos e raios com som de trovão, quando caminha lá na morada celestial, ele solta o chicote e traz o trovão e raios. Quem tem esse nome tem uma função como *xondaro* na aldeia, usando um açoite (*tukumbo*) para afastar espíritos ruins ou para despertar os jovens na fase da adolescência.

São colocados os apelidos ou sobrenomes, porque muitos *nhe'e* adoecem aqui na terra. por essa questão tem essas mudanças de nomes. Explicamos que o *nhe'e* das crianças que recebem esse nome não aceita a terra, e querem voltar, assim é colocado sobrenomes celestiais e as crianças ficam mais fortes.

Mas isso não se aplica a todos os nomes e complementos. Como nomeado acima, *Para Poty*, o *nhe'e* vem com esse nome lá de sua morada. Ou no caso de *Para Rete*, *Para Mirim*, são um nome só, os *nhe'e* já são assim. Por isso os nomes são dados após terem dois anos. Porque antes disso, as crianças não nome, e sim só apelidos. Isso também se dá porque não pode ser feito o ritual do *nhemongarai* para dar os nomes as crianças, e os nomes das crianças só podem ser dadas a partir de dois anos de idade.

Muito se trocava e ainda se troca os nomes a cada dois anos, mesmo crianças ou adolescentes, pois se pode trocar de nome. Ou, se precisar, se faz a renovação do nome. Nos meses de plantação isso é muito comum. Porque as plantas sempre renovam. Ou se no caso a pessoa que deu o nome falecer, a pessoa pode pedir para trocar de nome ou fazer sua renovação ficando com o mesmo nome. Tem que levar a criança na *Opy*, pois acredita-se que o *nhe'e* de quem deu o nome pode vir incomodar ou levar a criança ou seu *nhe'e* para o mundo espiritual dos deuses e *nhe'e*.

Outro caso curioso são os apelidos dados pelos pais, pois olham para os filhos e dão nomes, apelidos, de animais ou coisas. Um exemplo é *Xangó*, que tem o significado do peixe joana, pois seus pais olharam para ele, e como tinha sua boca bem pequena, o chamaram de

Xangó (peixe joana). Esses apelidos dados são, em alguns casos, espontâneos. Na minha família, existem também alguns casos, como meu filho mais novo, que um parente deu um nome para ele de *karumbé* (tartaruga), e tenho também outra sobrinha que chamam assim também. Perguntei para a pessoa que deu esse nome peculiar, mas ela não soube responder, falou que só o chamou assim porque gostou. Tem também um senhor já de idade, que tem o apelido de Tatu, e que foi chamado assim, porque seu irmão era chamado de Tatuzão.

Já do semideus *Jakaira*, quase ninguém recebe sua linhagem, é porque é o mais espirituoso, que tem uma ligação direta com o seu pai, nomes quase nunca mencionados, e que as pessoas que recebem podem ser *Werá*, *Karai*, ou *Kuaray*, podem se transformar em donos de vários conhecimentos, mesmo tendo seus *nhe'e* vindos de outras divindades, pois esses podem modificar, é como se fosse dar um segundo *nhe'e* para essa pessoa, assim a pessoa tem um *nhe'e* muito forte. Ele pode mexer com as plantas e remédios, cuidar de doentes, pode mandar no trovão e no sol, no dia e na noite.

2.4. NHANDÚ-FAMÍLIAS E SUAS REDES DE NOMES

Nesse item quero mostrar como ocorrem os nomes *mbya*, *jurua*, apelidos e trocas de nomes em cada família, para exemplificar esse processo.

Minha mãe se chamava *Takua* (Maria Erma Martins) e meu pai *Werá* e seu apelido era *Kanilho* (Pedro Timóteo); nunca perguntei o significado mais concreto de seus nomes. O nome de minha mãe, pela pesquisa que fiz aqui na minha aldeia, Itanhaém, não é considerado um nome *mbya*, mas tem controversa, porque em outros locais são considerados *mbya*, na aldeia de *Yynn Moroti Whera* em Biguaçu; muitos se denominam *xiripá*, a maioria das mulheres tem o nome de *Takua*. Isso porque a pesquisa foi realizada só na minha comunidade e pode ser que as famílias por aqui já venham de uma só linha de nomes. Há outras pesquisas mais amplas, em outros estados e comunidades onde esse nome é considerado nome *mbya*. Isso deverá ser tratado posteriormente, numa pesquisa mais ampla, onde poderei pesquisar também outros estados ou até mesmo todo o território guarani. Assim, poderei ampliar mais a pesquisa sobre os nomes, pois sei que isso é muito complexo. Existem várias pesquisas recentes, de escritores e pesquisadores guarani que falam sobre os nomes e também sobre os *nhe'e*, infância etc.

Nos dias de hoje estão acontecendo muitos casamentos entre dos *mbya* com *nhandeva* e *kaiowa* nas comunidades de nossa região. E às vezes esses nomes vão de uma família para

outra, e pode ter misturas de nomes, pessoas que são *nhandeva* recebendo nomes *mbya*, ou vice versa. Isso acontece devido os casamentos entre os grupos, disse acima. Já meu pai, seu nome é *werá*, mas era conhecido por *Kanilho*, filho de *Krimako* (Francisco Timóteo), com linhagem de *guajaki*, que habitavam o território *yvyrupa*, mas que hoje, pelos limites colocados pelos europeus, se chama Argentina.

Os nomes *mbya* às vezes vem na frente ou o nome em português, conforme são mais conhecidos na comunidade. Abaixo é apresentado o gráfico de algumas famílias e seus nomes.

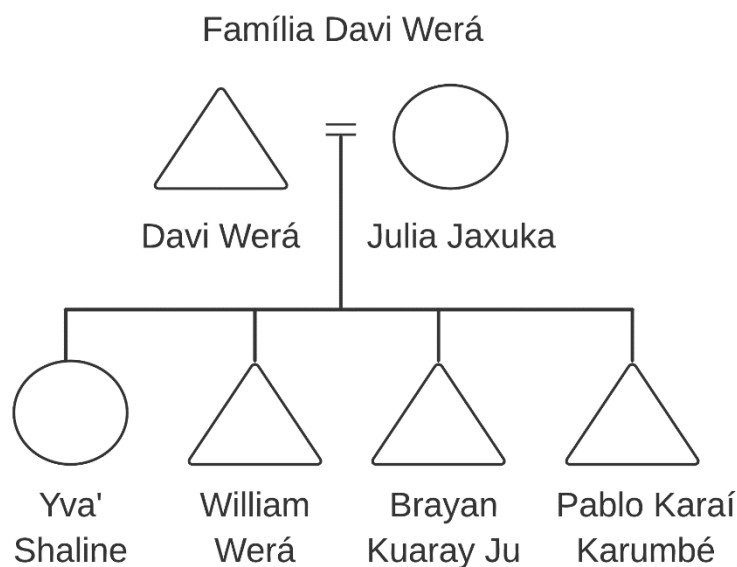


Figura 13- Família Davi *Werá*. Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié.

Na minha família, como já mencionei, recebi o nome de *Werá*. Minha esposa tem o nome *Krig*, nome d kaingang, dado pelo seu povo, por ela pertencer a este grupo Jê. O nome *Jaxuka*- dado por agora ser integrante do povo. Usada pelo povo guarani, para não ser chamado do nome de *Pongé*, porque é considerado pejorativo, de modo que existem vários mitos e lendas sobre esse povo. Que, no caso, seriam para assustar as crianças quando bem pequenas.

A história se dá por conta que, quando eu era pequeno, escutava à noite, ao redor do fogo, dentro da barraca, na beira da estrada, alguns desses contos e outros contos que também fazem parte do *nhanderekó* (ver anexo e nos preâmbulos).

Minha mãe e meu pai contavam que os *Pongé kuery*, (outros tipos de índios, ou como é chamado os kaingang) eram muitos ruins, um povo que gostava de matar as crianças e comê-las. Ela falava que, quando era adolescente, rodeava a aldeia, e muitas vezes tinha que atravessar o

território deles, no oeste de Santa Catarina, na T.I Chapecó. Nessas vezes, ela ouvia gritos de pessoas, e quando ela, por algum motivo, tinha que passar, tinha que correr, senão eles a pegariam. Meu pai já contava que eles eram perigosos e que comiam carne de gente, principalmente guarani. Eram brabos, sempre tinham um bastão na mão, e se pegassem guarani, eles matariam. Por isso, devíamos ficar bem quietos à noite.

Quando pequenos nunca tínhamos contato com outros povos, eu mesmo só sabia histórias e contos sobre eles. Mas na verdade era contos que hoje, na fase adulta, sei que eram para a gente não misturar o sangue. Porque hoje sabemos que muitos casaram entre os dois povos. E eu sou um desses casos.

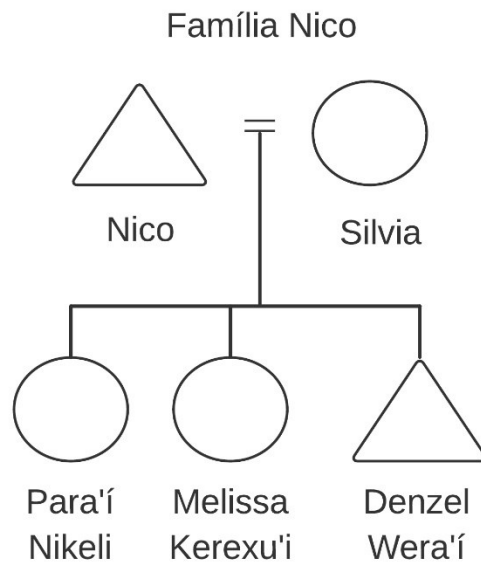


Figura 14- Família Nico. Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié.

O nome Nico de Oliveira *Verá*, atual cacique da aldeia Itanhaém, Morro da Palha, está escrito, aqui, com grafia diferente, está como ele escreve atualmente, pois ainda não foi unificada a forma de escrita guarani, aqui em nosso país. E cada lugar ou pessoa escreve da forma que achar mais correta.

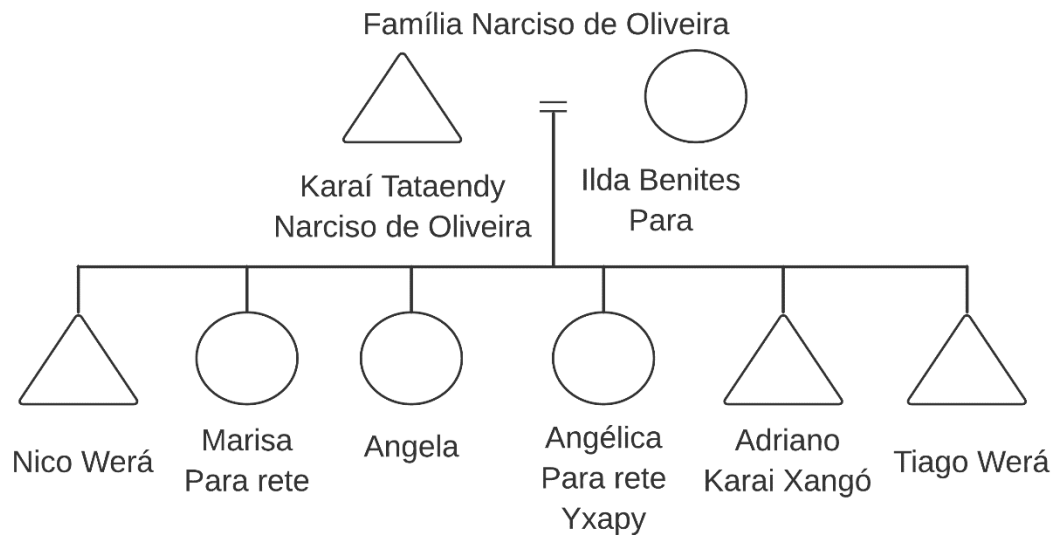


Figura 15- Família Narciso Oliveira. Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié.

Nessa família, existem apelidos dados pelos pais e familiares; em muitos casos são os tios e avós que dão os apelidos. No caso de Nico, seu apelido é *Akara*, e do Adriano é *Xangó*, porque a boca deles eram parecidos com as dos peixes cará e joana. Já o apelido de Marisa era *kunha guaxu'i*, porque era assim que a chamavam quando pequena, porque ela era gordinha, fofinha, mas que neste momento não é mais usado.

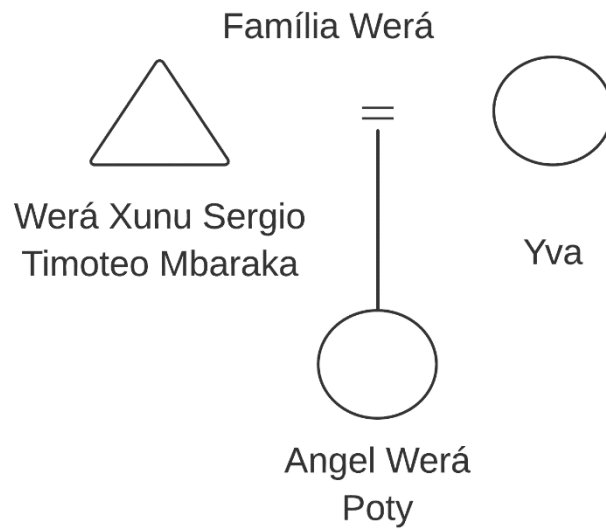


Figura 16- Família Werá. Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié

O nome do *Werá Poty*, (neste caso, seu *nhe'e*.) foi dado na *Opy*, por um *Karai*, e, segundo o entrevistado, no momento havia várias crianças que receberiam o nome; seu filho foi um destes. *Werá Xunu*, também tem seu apelido, o chamam de *mbaraka* (violão) mas quando era pequeno a sua avó chamava de *mbaraka já*, dono da viola. Seu tio colocou este apelido nele, porque tudo ele pegava e fazia como se fosse uma viola.

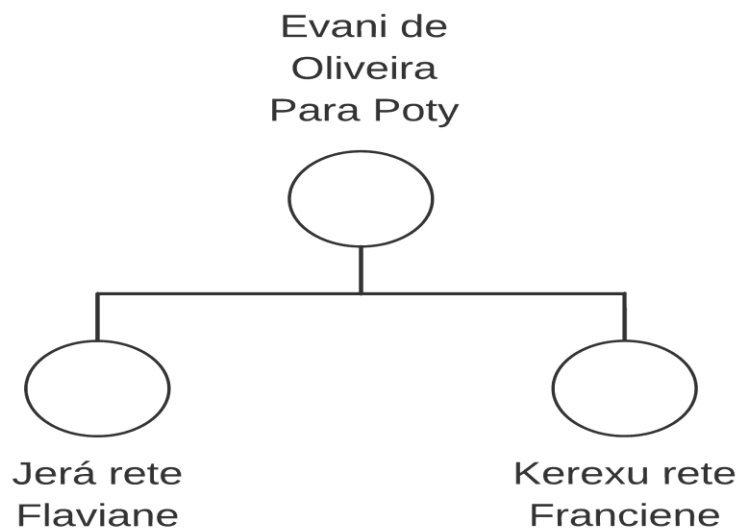


Figura 17- Família Evani de Oliveira. Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié

Os apelidos também chegam nesta família, sendo que *Para Poty* tem seu apelido deste muito pequena, a chamam de *Nhandu* (aranha). Já sua filha Flaviane, as crianças a chamam de *Tavi*.(nome próprio). Mas não é um nome em guarani. É um dos apelidos dados pelos *kyringue kuery*. Sua filha menor tem o apelido de Nani, por que o pai dela, as pessoas o chamavam de Nanico, e assim a filha ficou Nani (ver figura 20), apelido também dado em português. Vendo pelo nome da *Kerexu Rete*, o seu *nhe'e*, não tem muita a ver com seu nome colocado, mas penso que por ela ter três anos de idade, poderá ser modificado mais tarde. Este nome tem como característica ser tímido e reservado, porque o seu *nhe'e* é muito diferente, ela está sempre alegre e conversa com todos da comunidade, e agora está aprendendo a falar corretamente a língua guarani, aprendendo os nomes e os sentidos das coisas. Pode ser que seu *nhe'e*, ainda não se revelou no momento, a menina está gostando e aprendendo, pode ser que no futuro seu nome seja trocado.

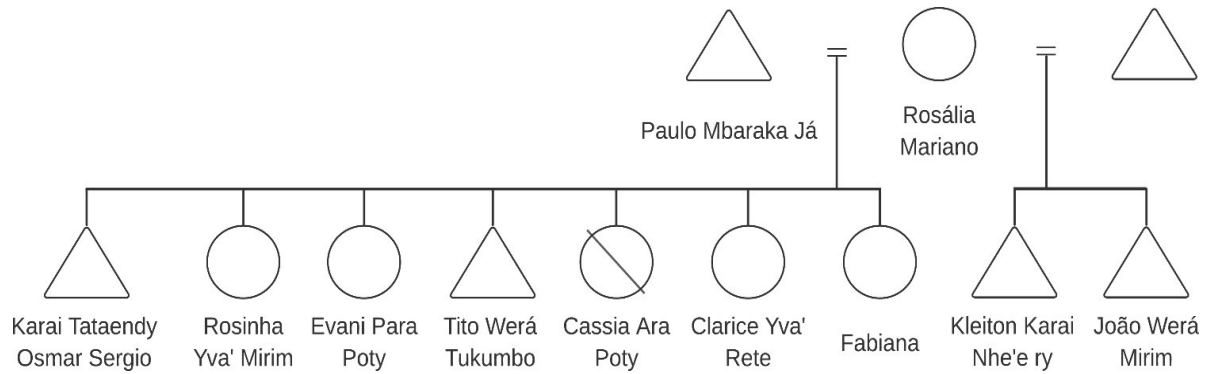


Figura 18- Família Paulo de Oliveira. Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié.

A observação sobre o último gráfico é que nesta família também há apelidos, sendo que Evani é chamada de Nhandu. O Osmar era *Uru Rupiá* (ovo), por causa de sua cabeça, mas só era chamado assim na fase de criança. Uma outra coisa: ele não gosta de ser chamado de Osmar, mas sim de Sérgio. Cleiton, por sua vez é chamado de girafa, ele tem oito anos. Porque seu pai era chamado assim, e assim as crianças o chamam. Fabiana, não sabia informar seu nome em guarani. Mas também tem o caso do pai deles ser chamado de Paulo da viola, ou *mbarakajá*, dono da viola, porque ele gosta de tocar viola desde muito novo.

Uma das coisas observadas na pesquisa, foi a mudança nos nomes *mbya* guarani, no caso de nomes *nhe'e* e a mudança na maneira de chamar, como por exemplo, no nome *Kerexu'i.*, algumas pessoas ou familiares chamam assim quando a pessoa é criança ou jovem, mas quando ficam mais velhas o chamam de *Kerexu*. Nas entrevistas, explicaram que é porque a pessoa é miudinha, muito pequena, por isso que chamam assim. Porque o "i" colocado nos finais das palavras tem como uma das suas funções o diminutivo.

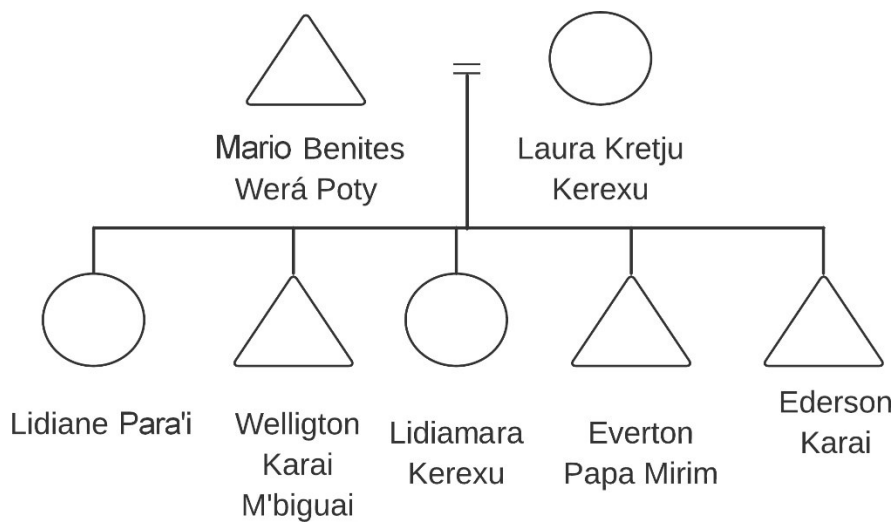


Figura 19- Família Mario Benites (Família Tatu). Gráfico elaborado pelo autor e produzido por Amanda Bouvié.

A família tatuzinho é chamada assim pois, o apelido do pai é Tatu, e as pessoas costumam chamar todos da família de tatu. O nome Tatu foi dado porque o irmão mais velho era chamado de Tatuzão, e assim ficou. Seu nome em *mbya* é *Werá Poty* (Relâmpago de flor). Nesta família, o senhor Tatu informou, que os nomes dados para seus filhos, alguns não são nomes de *mbya*, e sim nome de *xiripá*, dado por um *xeramoí* quando eles moravam em São Paulo. O *xeramoí* (avô) era chamado de *Jejokó*, nome *xiripá*. Portanto os nomes de seu filho, *Karai M'biguai* é *xiripá*, mas se fosse nome *mbya* seria *karai xondaro*, e o mesmo acontece ao nome de *Papa Mirim*, se fosse *mbya*, seria *Karai Papa*. Já os nomes *ara'i* (tempo nublado), *karai*, e *kerexu*, são nomes *mbya*.

2.5. A VIDA SOCIAL DA CRIANÇA

Nas comunidades guarani, as crianças são como pássaros livres, podendo vivenciar e se relacionar com outras famílias, mesmo não sendo do mesmo grupo familiar ou não tendo nenhum grau de parentesco.

Livres na aldeia *mbya* guarani, podendo ter uma circulação ativa, vão obtendo suas aprendizagens sem ter uma regra de onde possam ir. Assim cada integrante da comunidade pode lhe dar conselhos e ensinar como é que deve se comportar diante das futuras dificuldades que irão ter.

Desde de muito cedo, a criança percebe que é livre, pois seus pais nunca a repreendem para não fazer o que é “perigoso” para ela, mas sim, ensinam o que pode acontecer se desobedeceram às regras contidas no modo de vida guarani. Como sair à noite ou ficar gritando ou falando muito alto à noite. Isso é proibido para eles, porque sempre os pais avisam, que existem certos espíritos que não gostam de ser incomodados, e se a criança falar alto ou gritar, eles começam a ficar agitados e vem ver o que está acontecendo. E se essas crianças estiverem na rua ou fora da casa, começam a jogar certas pedrinhas, que podem ser transformadas em doenças. E que para ser curadas devem ser levadas para o *Karai* (pajé). Essas doenças podem ser tantos espirituais quanto físicas, pois muitos espíritos *nhe'é*, que vivem no mato, têm ciúmes das crianças, pois não existem maldades entre elas, e sempre vivem felizes com tudo o que foi criado por *Nhanderu*.

Os pais têm muito cuidados em contar os cuidados e as regras, e estas são comentadas em contos, fábulas ou histórias, que são chamados de *kaxo*, pois assim elas conseguem processar e guardar em suas mentes.



Figura 20- *Kerexu-Nani*- nome recebido através de *nhe'e* das próprias crianças. Foto de Davi T. Martins *Werá*. Ano 2018.

Quando as crianças acordam, vão logo brincar e cantar, como os pássaros livres, procurando alimento. Então saem das casas de seus pais a procura de alimento na parte da manhã, caso os seus pais ainda estejam dormindo. Vão sempre à procura de seus avós, pois eles

são considerados como segundos pais, que sempre ficam com seus netos para poderem passar seus conhecimentos ancestrais.

As crianças saem de suas casas e muitas das vezes acabam ficando no caminho, quando às vezes a casa de seus avós fica longe. Mas vão andando e param nas casas mais próximas, e sempre são convidadas a tomarem café ou algo que as pessoas da aldeia estão comendo. Isso porque são consideradas *nhe'é*, espíritos sagrados e puros. E é sempre bom receber um bom espírito logo cedo, por isso sempre convidam elas a se alimentarem com a família. Os pais, por sua vez, não se preocupam, pois sabem que não há perigo na comunidade, e que podem confiar em todos, independentemente se forem parentes sanguíneo ou não tiverem nenhum laço familiar.

Quando uma mulher fica grávida, na aldeia todos ficam felizes e rezam para *Nhanderu*, dizendo que ele ainda não esqueceu os *mbya* guarani. E que ainda está dando uma chance para os seres que aqui vivem.

As crianças acabam ficando com os parentes consanguíneos quando são bem pequenos, na faixa etária de zero ano aos dez anos, sempre na observação de um parente que está fazendo algo que rende aprendizagem. Os pais ficam satisfeitos quando estes começam a aprender a lidar com as atividades, confeccionando artesanato ou pequenas armadilhas.

Quando são bebês de colo, sempre ficam nos cuidados de suas mães ou avós. É usado um tipo de tiracolo, (*kyringue mondeá*) onde estes bebês são carregados para todos os lados para onde suas mães ou avós forem. É muito comum os bebês do colo não serem postos em contato com o chão, sozinhos, só se estiverem acompanhados pois, como citado anteriormente, podem ficar vulneráveis aos espíritos *nhe'e* da terra. Esses espíritos podem ser invejosos, não gostar de seus cheiros e iludirem os bebês para irem para a morada deles, o que leva à morte do bebê.

Quando estas crianças estão um pouco mais crescidas, seus pais começam a liberar, para assim conhecerem com seus próprios olhos, ouvidos e sentimentos o que é que tem no decorrer da vida.

Depois que recebem os nomes, os pais têm que ter alguns cuidados. Por exemplo, quando andam juntos na mata, ou saem muito longe, tem que estar sempre chamando os seus nomes, mesmo que a criança esteja de mão dada com o adulto, tem que chamar o seu nome, para que o *nhe'e* também acompanhe. Se o *nhe'e* se perder, a criança fica sem ação, meio tonta, só chora ou dorme e pode morrer se não for tratada por um *karaí*. Nesse caso, o tratamento pode

ser chamar pelo nome para trazer o *nhe'e* de volta. Mas, se o *nhe'e* já foi embora para a morada dele, o remédio é dar um outro nome, ou nome complementar, ele vai ter um outro espírito.

Do mesmo modo, quando o pai viaja e não leva a criança com ele, tem que avisar para o espírito ficar e não seguir o pai pelo caminho. Isso pode levar o *nhe'e* a se perder também, como aconteceu com meus filhos *Kuaray* e *Karai*, quando eram *kyringue* (criança). Quando eu morava em T.I Xapecó (Terra Indígena Xapecó), vim visitar minha mãe em Florianópolis, o meu filho *kuaray'ju* era pequeno, e se apegou muito à avó dele. Quando voltamos para casa, ele ficou muito doente, e só chorava, foi levado para o hospital, pois na época morávamos com o povo kaingang e lá não tinha *Opy*. Ligamos para minha mãe, e ela falou que era o *nhe'e* de *Kuaray* que tinha se perdido, e mandou que nós rezássemos e pedíssemos a *Nhanderu* para seu espírito encontrar o caminho e que ela ali rezaria também e mandaria seu espírito ir ao nosso encontro. No caso, se tivesse *Opy* na aldeia que vivíamos, poderia o *Karai* chamá-lo imediatamente. O mesmo aconteceu também com meu filho mais novo, o *Karai*, mesmo eu já sabendo desse perigo. Mas devido a tantas coisas ao redor que nos desorientam, aconteceu que quando fui viajar numa certa reunião, meu filho ficou doente, e não tinha mais vida, seu *nhe'e* tinha saído do corpo e me seguido até onde eu estava. Mas sua mãe, mesmo sendo de outro povo, compreendeu a situação e seguiu o *nhandereko* aprendido com o casamento e o tempo vivido na aldeia *mbya*. No mesmo dia, foi até ao (pajé) *Karai* (Timóteo de Oliveira) e pediu que rezasse. Ele o levou até a *Opy* e todos rezaram e pediram que seu *nhe'e* voltasse. O *karai* (pajé) na ocasião falou que o *nhe'e* de meu filho tinha se perdido muito e que estava difícil encontrá-lo, e que não queria mais viver aqui na terra. Mas depois de muita reza e pedidos o *nhe'e* de *Karai*, meu filho, retornou. Muitas coisas que acontecem são inexplicáveis, mas só quem tem vivência em comunidade *mbya* sabe essas coisas, que é nada mais que o conhecimento *mbya*, o que é vivido na *Tekó*, e as aprendizagens com o *nhanderekó*, onde tem os aprendizados desde a infância.

Na fase de mais ou menos uns cinco a dez anos que começam a aprender coisas mais importantes e afazeres da aldeia e do cotidiano, ajudando seus pais e familiares, ou a própria comunidade a limpar a roças, fazer os afazeres das casas. Como as meninas, que limpam junto com as irmãs ou meninas mais velhas a *Opy*, ou lugares chamados terreiros públicos, para algum evento cultural ou cerimônias. Aprendem como preparar os alimentos, começam a destalar as taquaras para confecção de balaios, ou a fazerem os colores e pulseiras.



Figura 21- Shaline - menina moça *kunhatai-kunhangue*. Foto de Davi T. Martins *Werá*. Ano, 2017.

Nesta idade, que tem um pouco de aprendizagem de responsabilidade. Como pequenas tarefas por eles produzidos. Os meninos que, por sua vez, aprendem a limpar as lavouras, a buscar lenhas para seus *xeramoi* e buscar água. Porque eles necessitam que seus corpos possam ficar leves, e sem preguiça. Os seus corpos devem ser esbeltos e fortes, para assim irem criando um corpo bom e sem doença para um bem-estar em sua vida.

Mas as aprendizagens nunca são vistas como forma de trabalho, pois não são forçados a fazer, e sim são livres para poderem parar no momento que quiserem. Então, trabalham um pouco até quando querem, logo já vão brincar, subir em árvores, correr no meio da lavoura. Por um tempo fazem isso, depois voltam a ajudar de volta, e assim vão indo, sem ter aquele compromisso mais sério como os mais velhos. Cada qual sabe seu tempo de parar quando quer, e voltar quando necessário. Às vezes, ficam só observando os mais velhos a fazerem os serviços. Eles até levam suas pequenas ferramentas, mas cavam um pouco aqui e ali, e depois voltam a brincar. Mas tem algumas vezes que costumam ajudar de modo mais constante, como no barrear das casas de barro ajudando seus pais ou quando fazem as casas *Opy*. Nesses casos, as crianças ajudam muito, pois precisam amassar o barro para ficar mais mole. E dançam e cantam, enquanto produzem o barro. É feito um buraco arredondado e cava-se um pouco, e cada vez mais é colocado água, formando um tipo de liga ou cola, que será jogado futuramente nas

madeiras para o rodeamento da casa. Então, as crianças cantam uma atrás da outra, pedindo a *Nhanderu* que abençoe esta casa que vai ser feita e que possa ser duradoura e confiável de morar. Sempre cantando e dançando, um atrás do outro, assim, o barro vai ficando bom para a confecção da casa. Nestas horas, as crianças são indispensáveis, pois podem aguentar muito mais que os adultos, pois levam isso na brincadeira e como são acostumadas a correr e a dançar, dificilmente se cansam. Depois, ainda que todos os mais velhos estejam cansados, eles têm tempo de brincar, correndo um atrás do outro ou indo jogar bola, um esporte muito apreciado pelos jovens e crianças.

A fase dos jovens também deve ser bem cuidada, pois nessa fase os *nhe'e* podem se perder ou se misturar com outros *nhe'e* não muito bons. Há vários casos onde acontecem que jovens perdem a consciência ou sua mente fica perdida, não sabendo o que deve seguir. Isso acontece quando não aprende bem o *nhanderekó*, os ensinamentos. Seus espíritos vão ao encontro de espíritos da floresta, e alguns não voltam, e ficam *nhakã wawa* (com a cabeça tonta), ou sofrem mutação *ojepotá* (transformação física ou espiritual). Por isso se deve ter o cuidado nos rituais da menina moça (figura 21 menina moça) *kunhatai* e também dos meninos *kurumim*. Pois os espíritos têm inveja dos *nhe'e* desses que estão virando jovens, e acabam querendo para si. Esses espíritos não são maus (*anha*), são espíritos da floresta, que nesta fase gostam de roubar os outros espíritos e levar também para a floresta, pois são espíritos da água, da terra, da pedra, etc.

2.6. O ESPAÇO E TEMPO DA CRIANÇA

Se formos analisar, todos temos nossos próprios tempos e espaço, para fazermos as coisas necessárias para nossas vidas. Mesmo que sejam tempos livres apenas para refletir, um tempo só nosso.

As crianças *mbya* guarani também tem esse tempo e espaço, onde o tempo é da própria criança, seguindo o que ela pode aprender. O tempo de acordar, o tempo de levantar, o tempo de comer, o tempo de brincar, o tempo de aprender. Mas não se fica preso em cada etapa, pode haver uma interação de aprendizagem quando está brincando, e aprendendo, por exemplo, a ajudar na limpeza de uma roça e brincando e aprendendo a fazer um cesto. Não tem separação nos tempos. O tempo da criança *mbya* guarani é livre. De manhã, quando acorda, sai na aldeia para brincar e visitar seus familiares, logo volta para se alimentar em casa, mas sem nenhuma

regra pontuando os horários. As crianças aprendem seu modo de viver, no *nhandereko*, desde a infância. Os pais e familiares fazem essa parte de ensinamentos, mas sempre com liberdade e assim a criança aprende no seu tempo as coisas que deve fazer.



Figura 22- Casamento *mbya* guarani- *Tekoa Itanhaém*. Foto do autor, 2017.

Os *xarurá*, regras de convivência, são aprendidos e respeitados desde muito cedo, quando a criança começa a falar e são levadas consigo até à fase adulta. Como ensinamentos, o *nhandereko* sobre casamento (figura 22- casamento na aldeia com três casais de jovens), como cuidar os filhos, como se comportar na comunidade, etc. “*Javyju!*”,(bom dia!) dizem as crianças quando visitam alguém, um parente ou pessoas da comunidade, quando encontram pessoas na sua passagem de caminhada, falam para as pessoas mais velhas, usam também quando chegam em uma reunião importante (Comissão *Nhemongueta*), juntos com seus pais ou avós, fazendo gestos, levantam a mão para cima e pronunciam a palavra *javyju pavei* (Bom dia para todos). Tem um termo usado que é, *aguyjevete*, mas é pronunciado mais pelos mais velhos, ou quando a pessoa está vindo de muito longe. Esse termo é aprendido desde a infância, mas não muito usado neste período. Pode ser usada em qualquer momento do dia ou noite.

Não existe um espaço definido para uma criança, que pode ir e vir na comunidade, não são colocados limites, assim a criança fica livre para escolher o que fazer. Não há medo em deixar a criança ir. Muitos ensinamentos são colocados através de histórias e fábulas, brincadeiras, (ver figura 25), cantos (ver figura 23) que lembram quando ainda se podia conversar com os animais; assim, as crianças decidem se querem fazer algo ou não. As crianças pequenas, de colo, ficam a maior parte do tempo presas no corpo de suas mães com uma faixa,

como um tiracolo, onde é colocado a criança. O espaço dela é restringido ao limite que sua mãe pode observar com os olhos. A criança quase nunca é tirada do colo, mesmo quando é para fazer comida ou algo assim. Os laços entre mãe e filhos é maior, pois é nesse período da infância que a criança está recebendo certos cuidados e aprendizagem, pequenas coisas que serão usadas no futuro. O seu *nhe'e* está aprendendo a viver no mundo e, nesse momento é, também, de ligação de sua pessoa como espírito e corpo.



Figura 23- Encontro das crianças nos corais em Biguaçu das *Tekoá itanhaém* e *Yynn Moroti Wherá*. Foto do autor, 2017.

KUNHAXI

Em uma aldeia bem distante de todas as outras, uma mulher estava grávida, seria o primeiro filho do casal. Quando a criança nasceu, eles notaram que ela era diferente das outras, pois ela nascera branca, e os outros guarani tinham preconceito com ela, pela sua cor, as pessoas não gostavam dela. A menina branca se chamava Kunhaxi, a mãe dela protegia a menina, porque as crianças não gostavam de brincar com ela e queriam sempre brigar com *Kunhaxi*. Quando a menina fez sete anos, começou a ficar muito doente, então sua mãe a levou em um *Karai* para este rezar, para o grande espírito. Mas *Karai* revelou que seu espírito estava muito doente, e que não estava gostando mais da terra.

Então em uma noite de muita chuva, *Kunhaxi* não resiste e morre. Sua mãe muito triste, leva sua filha e enterra perto da *Opy*, e segue a vários dias e meses levando flores e rezando por ela.

Em um certo dia de manhã bem cedinho, sua mãe nota que onde ela enterrara sua filha, nasce uma pequena planta. E ela cuida muito bem desta planta, até que certa vez começa a surgir da terra uma rachadura, ela nota que tem uma raiz. Então ela pega esta raiz e retira da terra, e quando tira, quebra sem querer uma delas. E vê que essa raiz tem a casca, marronzinha e por dentro é branca, igual a pele de sua filha. Então, ela descobre que de sua filha nasceu um alimento, que beneficiaria a todos de sua comunidade. Essa planta que surge no lugar de *Kunhaxi*, é chamada de *manjió*.

Autoria: Shaline Narciso Martins Yvá, 2018.

CAPÍTULO 3: COMO É A NOMEAÇÃO

As crianças, de modo geral, são uma peça fundamental na sociedade guarani, pois tanto as mulheres, que neste caso são as mães, e o homens, os pais, ficam orgulhosos por receber esta criança, sabendo que irão hospedar um espírito em sua casa. A comunidade também se sente afetada espiritualmente, se começa a receber a criança, e sabe que no futuro deve ser feito uma grande cerimônia para a receber. Essas cerimônias não são só para dar o nome, como muitos falam, mas sim para agradar o espírito que virá para preencher este espaço. Sendo assim, deve-se alegrar este espírito, mostrando-lhe que toda a comunidade está feliz em recebê-lo e também para mostrar e oferecer o que esta terra tem de melhor e o que o povo *mbya* guarani tem para lhe oferecer. Mostram a terra farta, e que, nos dias atuais, ainda há esperança de encontrar alimentos ricos e saudáveis na natureza.

Essas cerimônias e rituais existem também na fase quando a menina tem um rito de passagem para uma vida adulta: o *Jaxy*. VAN GENNEP (1909) considera o rito como essencial para a sociedade que o usa. Não como uma simples etapa de algo, existe uma razão para existir as sequências, que são muito importantes. E classifica o rito de passagem em três categorias: “ritos de separação”, “ritos de margem” e “ritos de agregação”. O autor explica como funciona essas passagens no ritual. Esses ritos de passagem passam por três fases, portanto cada uma tem seu valor. No povo *mbya* guarani, no caso do ritual do *Jaxy*, é quando uma menina passa da fase de menina para moça; esta fase inicia por um ritual de passagem. Quando a menina tem sua primeira menstruação, é separada da sociedade onde ela convive, por um certo período. Seu cabelo é cortado ela fica isolada, pois acredita-se que tudo que ela carregava quando criança desaparecerá. Essa é a fase que VAN GENNEP chama de “separação”, como se fosse uma morte simbólica da fase vivida anteriormente. Geralmente, as meninas ficam tristes e choram nessa fase, mas compreendem.

As meninas ficam um tempo isoladas em casa, é o que VAN GENNEP chama de “margem”, quando elas só podem comer comidas tradicionais, sem banha, sem sal. Não podem frequentar a escola, tomar banho de rio, visitar outras pessoas. Antigamente, ficavam somente em cima de uma cama alta, para não ter contato com a terra, pelos mesmos perigos dos espíritos da terra. Mas hoje podem pisar no chão, porque as casas já têm piso de madeira e não de terra batida.

No caso da fase da “agregação”, pode-se dizer que seria um novo começo dessa menina. Depois desse ritual e com o crescimento desse cabelo ao longo do isolamento, transformada

agora em mulher, é como se nascesse um novo indivíduo na comunidade. Agora ela poderá fazer parte e desfrutar de tudo o que a sociedade onde está inserida oferece. Na fase da margem, fica toda a etapa onde são feitos os atos cerimoniais, onde essa menina, agora mulher, tem seus ensinamentos passados por familiares. Mas podemos dizer que o ritual da menina moça, ou *Jaxy*, pode ser chamado de um rito de margem. Pois o indivíduo nesse caso assume um outro papel nesse sistema onde é envolvido.

No caso do nascimento da criança *mbya*, se pode dizer, como já citado anteriormente, que é aplicado um ritual de agregação, porque neste período que o *nhe'e* estabelece vínculo importante com o corpo da criança e começa a agregar as coisas novas para assim estabelecer uma nova identidade com espírito e corpo.

Há uma razão para a criança nascer, independentemente se for do sexo masculino ou feminino. E o nome é, nesta fase, muito importante. Pois pode-se mudar de nome rapidamente, dependendo da situação que encontrará no nascimento e na família. A seguir, apresento algumas maneiras de nomear as crianças.

É importante ressaltar que os nomes pesquisados muitas das vezes foram dados por pessoas de outros grupos, se assim podemos definir, como no caso de nomes dados às crianças *mbya* por pessoas ou *xeramoí xiripa*. Conversando com as pessoas pesquisadas, falaram que o grande espírito seria o mesmo, o que mudaria seriam algumas moradas que poderiam diferenciar, entre *xiripa* e *mbya*. Mas que os *nhe'e*, viriam do mesmo cosmos, e que, para responder a esse questionamento que fiz, também *xeramoí* de *xiripa* e *mbya*. deveria participar da pesquisa. Vale uma reflexão para tal questão. Pois, está acontecendo cada vez mais uma mistura entre o grupo guarani, *Kaiowa*, *Nhandeva*, *Mbya*.

3.1 NHEMONGARAI E A NOMINAÇÃO NA OPY

Ao pôr do sol, são reunidas as crianças, jovens, adultos e *xeramoí*, já com as preparações para o *nhemongarai*, ao redor do *Opy*, cantando e agradecendo a *Nhanderu* pelos bons alimentos colhidos na *Tekoa*. (aldeia) As crianças vêm com as canas de milho ainda verdes com algumas espigas. E todos entram na *Opy*, casa de reza, cantando. As mulheres e meninas que já fizeram o *mbyotá* (bolo de milho) na parte da manhã, trazem para a *Opy*, cada uma faz para todos que pertencem com ela na casa. E cada qual vai soltando e colocando ao redor do fogo os *mbyotá*. Os homens por sua vez trazem consigo *ei* (mel) de abelha nativa. Este mel é colocado dentre de

uma taquara e tampado, é amarrado com um barbante para pendurar no *Ambá i* (altar) localizado dentro da *Opy*.



Figura 24- *Opy* em construção- Tekoa Itanhaém. Foto do autor, 2018.

A cerimônia inicia com reza e cânticos dentro da *Opy*, (A foto acima foi tirada quando estava sendo construída a *Opy* da aldeia, antes não tinha *Opy*) após uma longa parada de silêncio, até vir uma noite mais escura. Nesse espaço de tempo, todos ficam em silêncio e fumando *petyngua*. (cachimbo) Logo em seguida, o *xeramoi Karai tenonde*. (primeiro) pega seu *petyngua* e começa a soltar fumaça na cabeça de todos que estão na *Opy* e, atrás dele, vão as crianças que serão no futuro *karai* e *kunha karai*, (mulher curandeira) curandeiros, rezadores e benzedores, pois seus nomes-espíritos os fazem assim.

A noite continua com cantos e danças e rezas. Em alguns momentos, param os cânticos. Mas esses cânticos são diferentes dos do início da noite. São cânticos rezados, onde todos entram em transe profundo e com uma ligação contínua com *Nhanderu*. É neles que começa o pedido aos deuses, dos nomes que as crianças receberão. Quando os cânticos são parados em certos momentos, os *karai* começam a falar do *nhanderekó*, onde são passados ensinamentos de como deve ser seguido as regras de como cada criança que receberá o nome. É explicado que os nomes são os nomes dos deuses e que as crianças são incorporadas por esse *nhe'e*. Nesses

momentos, são contados sonhos que são vistos através do *petyngua* e na hora das rezas cantadas. Após, vem a aprovação das pessoas que estão participando dizendo *anhete* ou *anheteko*, palavras que significam que é verdade mesmo.

Ao clarear da manhã, quando a noite ainda está escura, inicia a nomeação das crianças. É colocado um pequeno banco no meio do *Opy*, e os pais pedem para os *karai* darem nome aos seus filhos. Os pais sentam com seus filhos no colo e os *karai* e seus ajudantes que são os *pita i*, (aquele que fuma o cachimbo na hora da reza) vêm e iniciam fumando e soltando a fumaça do *petyngua* no corpo da criança e na cabeça dos pais, com reza e canto. Logo em seguida o *karai* dá o nome que foi sonhado por ele.

3.2. A NOMINAÇÃO FEITA EM CASA

Muitas crianças recebem seus nomes nos rituais do *nhemongarai*, na casa de reza. Mas tem outras crianças que recebem seus nomes *nhe'e* de seus pais em suas casas. Existem vários fatos para isso acontecer. Um deles está relacionado à falta de *Opy* na comunidade, por não ser realizado o *Nhemongarai*, e também por doença.

A *Opy* na comunidade é importante, mas muitas vezes por falta de um *Karai*, é muito difícil ter uma continuidade para realizar todo o processo do *nhandereko*. As pessoas, pais das crianças que vão receber o nome, muitas das vezes saem de uma aldeia para outro para onde tem um *karai*. A construção da casa de reza e um líder espiritual é a base para manter uma aldeia segura para todas as condições que vierem. É ele o *Karai* que manterá as pessoas a seguir o *nhandereko*. O *nhandereko* são as leis recebidas desde o surgimento do povo *mbya* guarani, que foi constituído junto com *Nhanderu Ete* com várias leis e regras para que o mundo e as pessoas que vivem nele consigam viver em harmonia e o bem viver com os outros povos e seres vivos. São leis que devem ser seguidas para que o povo *mbya* guarani consiga chegar na morada das divindades sagradas.

O batismo dos alimentos colhidos para fazer o ritual do *Nhemongarai*, é o que dá abertura para a nomeação das crianças, pois além de todas os rituais feitos nessa cerimônia, é ali que é dada a benção dos deuses para uma plantação cada vez mais prospera e saudável, fazendo com que os alimentos colhidos não façam mal. É um lugar onde os *nhe'e* podem estar mais perto. Mas algumas aldeias não fazem o *Nhemongarai*, não conseguem fazer toda essa passagem de conhecimento; assim, vários pais dão o nome em casa, com os familiares que estão presentes em casa. Os pais que receberam e estão seguindo o *nhandereko*, já sabem como devem

prosseguir, se nesses casos acima citados não conseguirem, a falta de *opy* e *karai*, e também a falta da realização do *Nhemongarai* ou quando a criança adoecer.

Os pais dão o nome a partir de quando uma criança está precisando receber o nome, que é a partir dos dois anos de idade ou quando a criança doente precisa trocar o nome. É fechada toda a casa e ali é acendido o *petyngua* e pedido através de reza e canto que o *nhe'e* da criança venha em sonho. A mãe ou algum parente próximo coloca a criança no colo e o pai solta fumaça no corpo da criança sempre pitando e rezando baixo. Logo é dado o nome da criança como um sopro, e explicado para os demais presentes como veio o nome em sonho. O pai, nesse momento, chama o *nhe'e*, que será o nome que seguirá com a criança.

A troca do nome das crianças ocorre quando as crianças que receberam o nome anterior ficam doentes, porque seus *nhe'e* não se sentem à vontade na terra. Pois todos os nomes são *nhe'e*, deuses e que, por algum motivo, se entristecem pelo que eles veem ou acontece que querem voltar para a morada celestial. Assim, os pais rapidamente sentem que devem trocar o nome, para assim o *nhe'e* ficar mais calmo e continuar na terra. Muitos *nhe'e* nomes, não se sentem bem quando a criança fica sempre doente, ou mesmo quando estão na fase adulta e continuam doentes ou podem até morrer. Então, o *nhe'e* das crianças mbya guarani podem ser semelhantes ao *karon* dos Xikrin citado por Clarice Cohn. “O recém-nascido corre grandes riscos de perder seu *karon*”...O *karon* de qualquer pessoa pode se ausentar do corpo, como o faz durante o sono, propiciando assim os sonhos, mas deve sempre retornar; quando não retorna, leva à morte (COHN, 2000, p, 199).

3.3. A CRIANÇA *MBYA* E SEU NOME DADO ATRAVÉS DELAS MESMOS



Figura 25- Crianças no pátio da escola- brincadeira *amandaú kyvy kyvy'i*. Foto do autor, 2017.

As crianças *mbya* guarani dão a si mesmas os nomes que consideram convenientes. Um exemplo que acompanhei na pesquisa foi de um menino que se deu o próprio nome em português, pois seus parentes o chamavam de um nome que o seu *nhe'e* não gostava. Como citado anteriormente, os nomes podem ser trocados em guarani. Em muitos dos casos as pessoas também trocam seus nomes em português. Mas as pessoas trocam por gostarem de nomes diferentes e então trocam seus nomes. Não tem uma relação com o *nhe'e* da pessoa. Tem vários relatos que se fazem nos dias atuais de trocas de nomes, sendo que a pessoa tem um nome no registro da certidão da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) ou na certidão civil, mas os parentes e familiares o chamam de outro nome, isso também acontece na fase adulta.

No caso do menino, com mais ou menos sete anos de idade, veio de outra comunidade, que fica uns cem quilômetros de distância, e os familiares que o trouxeram para sua avó cuidar falaram que ele se chamava Clenilson. Mas, quando perguntado para ele, dizia se chamar Eduardo, mas que as pessoas podiam chama-lo de Dudu. Uma outra coisa curiosa é que eles também não sabiam o seu nome *mbya* guarani.

Nesse caso, as crianças da comunidade que ele estava inserido, o chamavam de *Karai*. O termo *Karai* pode ser usado para qualquer pessoa quando as pessoas não sabem seus nomes.

Mas, quando aceitam, ficam quietos e atendem pelo nome. Quando não aceitam, logo eles dizem outros nomes, como por exemplo de *Werá*, *Kuaray*, etc.

Como as crianças estão ainda na fase de aprenderem o português e guarani, crianças na fase de uns quatro ou cinco anos, que já começam a desenvolver uma capacidade maior de raciocínio, perguntam umas às outras sobre seus nomes. E eles mesmos se nomeiam, e os pais observam e aceitam, e assim começam a chamá-los, pelos seus novos nomes, ou como falam *nhe'e* nomes. Que são os nomes espíritos, pois eles mesmo que se revelam.

Como no caso da família de Evani, sua filha se chama Nani. Ela hoje tem aproximadamente três anos. Brincando com as crianças, pude observar que elas davam seus próprios nomes. Já sabia disso em várias ocasiões que relataram. Mas, no caso da Nani, as crianças que brincavam perguntaram seu nome, na época ela tinha um ano e alguns meses de idade, já estava começando a falar. Ela falou simplesmente "Nani", mas a menina maior insistiu novamente, "*mbae'tu nderery*", (como é seu nome *mbya*), ela respondeu que era "*Kerexu*". E assim, ficou com esse nome. E essa aceitação também se dá pelos pais da criança, porque sabem que foi seu *nhe'e* que escolheu. Assim como no caso de crianças menores que não sabem seus nomes *mbya* quando estão em alguns afazeres ou brincando. As crianças maiores dão seus nomes, é muito comum seus pais aceitarem, como nos nomes que são recebidos em sonhos pelas próprias crianças e quando acordam, pedem para seus pais a chamarem dos nomes que que sonharam. O filho de uma pessoa pesquisada, *Kuaray Mirim*, teve um sonho, e quando acordou sentou ao redor do fogo e contou o nome com que tinha sonhado, e o seu pai aceitou, porque era um *nhe'e* que veio visitar o seu filho e colocou seu nome.

Os pais das crianças que recebem o nome espírito ficam muitos contentes pois acreditam que quanto mais pequenas, são mais próximas das moradas divinas. E agradecem à *Nhanderu ete* por que se trata de uma benção divina, e que dará muita fartura nos alimentos, um casamento de modo com que o casal viva bem, que as crianças não tenham enfermidades alguma. E o sentimento da aldeia é que todos ficam alegres, acreditando que a aldeia consiga um bem-viver entre todos.

3.4. *NHEMONGARAI*: NOME, BATISMO, ESPIRITUALIDADE, *NHANDEREKO*.

Os rituais de nomeação, como já citado anteriormente, podem ter de várias formas e em espaços diferentes, não estando restrito só à *Opy*. O ritual chamado *Nhemongarai* se dá a partir de uma consagração, uma reza feita com a fumaça do *petyngua*, para pedir que os alimentos

não façam mal algum para quem se alimenta, ou também para pedir que nunca falte esse alimento e que a aldeia tenha prosperidade.



Figura 26- Coral de *Itanhaém*. Foto do autor, 2018.

Um exemplo: quando as crianças vão pra mata juntar coquinhos de palmeira, elas não podem já comer, primeiro devem ir até às pessoas mais velhas, como um *Karai*, uma avó, ou até mesmos seus pais. As crianças procuram sempre uma pessoa que sabe fumar o *petyngua* e usar a fumaça. São trazidos então os coquinhos para esta pessoa e a pessoa sábia, pega as frutas, ou uma certa quantia e acende seu *petyngua* e solta a fumaça em cima dos alimentos, sempre pedindo para *Nhanderu* que as crianças que se alimentarem dela não passem mal e que elas não estragarão ou jogarão fora esses alimentos, mas irão usar por uma boa causa. O *petyngua* é usado sempre, soltando fumaça nas frutas ou algo que será comido ou que foi trazido. Isso pode ser feito várias vezes no mesmo dia, pois as crianças, às vezes trazem em grupos, ou cada criança, pequenas quantidades, ou trazem uma porção maior, e é feito a mesma coisa, e isso é chamado de *Nhemongarai*.

As ervas medicinais também passam pelo *Nhemongarai*. As ervas utilizadas para usos medicinais são benzidas e cachimbadas, utilizando o mesmo procedimento. Pode ser feito em casa, pois a maioria das pessoas tem suas casas de pau a pique, casas de madeiras brutas, cortadas direto da mata e fincadas no chão, cobertas de folha de *pindó* (palmeira), com chão batido. São utilizados esses tipos de casa pois ali é feito o preparo dos alimentos como *xipá*,

mbojapé, etc. Mas, principalmente, é porque tem o uso e fogo no chão. E a fumaça ajuda na preparação da secagem das ervas medicinais; as ervas são colocadas uns metros ou mais acima do fogo, ou penduradas no teto destas casas, que também são bem baixas, no máximo dois a três metros de altura na parte mais alta. Essa altura fica de uma forma boa para secagem das ervas. As ervas são trazidas pelos *Karai*, ou benzedores, ou pessoas que conhecem e utilizam certas ervas. Mas são só as pessoas que sabem utilizar as ervas que as recolhem da mata e fazem esse processo de secagem, e assim também fazem os mesmos processos de benzimento. Mas isso é feito várias vezes, durante o dia ou noite, mas frequentemente na parte da noite, quando os familiares sentam ao redor do fogo, tomando chimarrão, conversando e assim utilizam o *petyngua* para colocar fumaça nas ervas medicinais que serão utilizadas para as curas ou banhos medicinais. Isso também é chamado de *Nhemongarai*.

É também muito frequente que as pessoas mais sábias da comunidade, e que usam as ervas medicinais, as levem para a *Opy*, e colocam lá, na casa de reza *Opy*, que são feitas de forma quadrada e com a porta de frente ao nascer do sol, sem janelas. Digo isso, porque hoje tem *Opy* que tem janelas e várias portas e que muitas das vezes são redondas, mas as casas de reza dos guarani *mbya*, são como as citadas acima.

A forma quadrada da casa da reza tem um significado. É que, perto da porta, fica um fogo que é aceso quando o dia termina e começa a noite. E esse fogo, é utilizado só para esquentar água para tomar chimarrão, ou para dar banhos medicinais nas pessoas doentes, e é utilizado também as brasas para acender *petyngua*, que é utilizado pelas pessoas, e os *Karai kuery*. Uma observação importante, é que a nossa *Opy* está com a porta virada ao pôr do sol, mas quem a fez explicou que ali é onde os *Karaja* cantam. Pois os *Karaja* (bugio) são considerados os primeiros *Karai* da terra, eles sempre cantam e rezam no pôr do sol, e quando eles rezam todos param e escutam suas rezas, por isso são considerados sagrados.

Mas como já falado, o fogo é feito no início (ver história do fogo, em anexo), na porta, e no outro extremo da *Opy*, é feito o *Ambá*, é um altar onde são colocados os instrumentos musicais e para a reza, como os *takua pú*, (instrumento de som feminino) por exemplo. Um bambu que é utilizado pelas mulheres para tocar nas rezas, com uma extremidade aberta que é batida no chão, e que faz um som forte, igual a um tambor, instrumento só utilizado pelas mulheres. Esse *Ambá* é também onde ficam guardadas e colocadas as ervas medicinais que serão utilizadas nas curas. Então, é feito o *Nhemongarai*, o batismo dessas ervas. Todos os dias, quando vão à *Opy*, as pessoas entram e já no início vão e soltam fumaça nas coisas que tem no

Ambá. Uma delas são as ervas, sempre pedindo para *Nhanderuete* que sejam feitas as curas, e que sempre tenham com fartura essas ervas medicinais para os usos bons.

Esses tipos de *Nhemongarai*, não são feitos como um grande cerimonial, mas que são também batismos sagrados e que tem grande importância. É feito também o *Nhemongarai*, um certo tipo de ritual, que é feito na *Opy*, onde pode se dizer que é o lugar onde se faz um batismo de todas as coisas, batizando os alimentos produzidos e que tem nas matas e também das ervas medicinais. É usado também para dar nomes às crianças, ou trocas de nomes.

O SURGIMENTO DO FOGO

Certa vez, *Nhanderu* queria ter o fogo. Mas quem tinha o fogo era o urubu. Todos os dias eles tinham que fazer certos rituais de dança para ficar com o fogo. Isto era estratégia de *Nhanderu* para que eles ficassem com o fogo. Mas ele pensava em como iria distribuir fogo para todos os animais. Então mandou o sapinho tentar pegar o fogo, mas ele nunca conseguia. Então ele mandou os urubus dançarem todos os dias.

Um dia, os urubus se irritaram com *Nhanderu* e decidiram matar ele. Fizeram uma fogueira enorme e partiram para buscar ele, para matar mesmo e, quando chegaram viram que ele já estava morto. Mas isso era fingimento, feito por *Nhanderu* e pelos animais da floresta para tentarem pegar o fogo. Quando chegaram, *Nhanderu* estava cheirando mal e com moscas ao redor. Eles foram avisados por *kara kara*, que ele estava vivo, mas os urubus não acreditaram. Então levaram ele para jogar na fogueira. E ele seguia como se estivesse morto. Quando o jogaram no fogo, ele bateu palmas e espalhou as brasas para todos os lados. Então, os urubus se esqueceram de comer *Nhanderu*, e se preocuparam em pegar o fogo, porque com toda aquela brasa espalhada, a bicharada não resistiu e correram pra pegar. Mas os urubus eram tão rápidos que não deixaram nenhuma brasa acesa. Então o sapinho foi mais esperto e conseguiu pegar uma pequena faísca. Colocou-a na boca e saiu correndo, e ninguém notou sua saída. Então ele levou para *Nhanderu*, e disse que era muito pouco, pois aquela pequena brasa poderia apagar. Então *Nhanderu* fez com quem o sapinho soltasse a faísca em uma pequena porção de algodão, mas para isso bateu bastante em sua costa. E assim o fogo foi dado a todos e espalhado no *pindó*, nas árvores e nas pedras. E com isso até hoje podemos usar o fogo, usando simplesmente um pedaço de madeira ou pedra.

Por Davi T. Martins *Werá*. Contada pelo povo guarani. Autoria desconhecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias anteriormente contidas, as pesquisas feitas e colocadas agora em papel, trouxeram algumas questões: como eu, mesmo sendo um integrante do próprio povo *mbya* guarani, fui querer saber sobre como se dá a nomeação? O que seria o *nhemongarai*, na verdade? E o porquê de meu *nhe'e* ser *Werá*? Algumas dessas questões que sempre ficavam martelando na minha cabeça, eu não conseguia saber o sentido dos nomes espíritos e que agora pude compreender, observando agora com dois tipos de olhares, como nativo e como etnógrafo. Saí de minha zona de conforto e pude olhar para meu povo com outro olhar. Isso é resultado de textos teóricos, a aprendizagem de novos conhecimentos. Sabemos que as culturas são distintas umas das outras e a sociedade é formada por vários pensares que ajudam a elaborar e dar conceito no mundo em que vivemos. Cada povo tem suas crenças e seus meios de acreditarem de como se forma um ser humano e suas capacidades de formarem conhecimentos.

No texto foram descritas algumas formas de como a criança se relaciona com o mundo através do nome recebido, ou ainda, através de seus *nhe'e*, a importância das escolhas dos nomes *mbya* e como se dá essa relação entre quem irá dar e receber. Às vezes é preciso fazer uma grande cerimônia como o *Nhemongarai*, ou às vezes, simplesmente os próprios espíritos chamando uns aos outros. Essa questão de redes de nomes, pois, depende dos pais e familiares.

A vida social da criança tem toda uma forma de se organizar através de seus nomes, seus espaços e modos de viver dentro da aldeia, como citado anteriormente, quem será *Karai*, *Werá* ou *Kerexu*. Há uma preparação desde a infância, mas que as vezes não é realizada devido a fatores como trocas de nomes ou falta de conhecimentos pelos pais que não conhecem o *Nhandereko*, mas que tem como aprender através da espiritualidade, quando ficar na fase da adolescência. Haverá, assim, uma nova preparação para nova fase de aprendizado, que pode vir também através de um novo batismo ou troca de nomes.

Mesmo aqui, concluindo este trabalho de pesquisa, vemos que há grande falta de pesquisas. Uma pesquisa com outros grupos de guarani ou deve ser feita, para assim podermos ter uma comparação entre os nomes dados e como é dado e porque é desse tipo. Digo isso porque durante a pesquisa, deparei com outros nomes que são de outras linhagens, que não fazem parte do guarani *mbya*. Eu perguntava para as pessoas pesquisadas e estas não relacionavam com os nomes *mbya*. Outra observação que vale ressaltar, é que dependendo da região onde as crianças nascem, também tem seus nomes distintos mesmo sendo guarani *mbya*. Mas entre os guarani kaiowa, *nhandeva*, *mbya*, etc., estes nomes diferem muito. Mesmo para nós, *mbya*, sabendo a

tradução, são completamente diferentes, às vezes com relação da natureza ou força do ser da pessoa, sendo que com o povo *mbya*, esses nomes são relacionados com os *nhe'e*. Há poucos estudos sobre a relação de comparação de nomes entre os povos guarani.

ANEXOS

(Por que os anexos?)

Os textos foram produzidos através de pesquisas de alunos da escola da comunidade Itanhaém e professores guarani junto com os *xeramoï* e *xejarai*, (os avôs e avós) para compor no texto como anexo, para dar sentido às palavras escritas. Antes de começar a falar sobre algo, sempre começamos por alguma história ou conto, para expressar aquilo que iremos expor. Pois para nós, guarani, tudo está interligado, e tudo faz parte da mesma coisa. Se retirar parte daquilo que está colocado em seu devido lugar, pode ser que se desmonte tudo aquilo que era antes. É como se nós fizéssemos parte de um todo. Então quando é às vezes representado por imagens ou histórias e contos, é bem assim que se defina o modo de ser guarani. Essa memória ou cultura é contada como se fosse uma história que assim vai formando a vida de cada indivíduo. Os textos contidos como anexo são algumas das histórias contadas para as crianças quando pequenas, que, quando elas crescerem, tudo isso irá ter sentido.

Pois quando o *nhe'e* da criança vem para este mundo, ele não sabe de nada. Mas então começa a ouvir as histórias e contos de como foi que as coisas aconteceram, esse *nhe'e* cada vez mais vai aprendendo sobre este mundo, e assim tendo gosto e sentido de ficar aqui. As histórias são contadas pelos mais velhos na *Opy'i*, e quando faladas são observadas pelos acontecimentos, porque o *nhe'e*, quando vem, tem um olhar de curioso pelas coisas que aconteceram e que se formaram. Ali nos contos é que estão as regras que devemos seguir para ser um bom guarani, o *Nhandereko*.

As histórias e contos são como se fosse a base de tudo para o nosso conhecimento, sendo que uma criança guarani sem história, como pode ser guarani? Pois todos nós devemos saber de nossas histórias ancestrais. E esses acontecimentos estão todos ligados como se fossem uma corrente, nas falas, nos sonhos, e agora nas escritas. Veremos a seguir algumas delas que compõem o nosso modo de ser, pensar e ver o mundo.

A CIGARRA E O LEÃO

Era uma vez um leão que andava e andava, mas não encontrava alimento, sua barriga roncava de fome. Então em um belo dia saiu andando pela floresta e viu uma cigarra numa árvore. E pensando ser um leão esperto, quis fazer uma aposta com a cigarra.

E disse para a cigarra:

- Vamos fazer uma aposta?

O senhor cigarra desconfiado perguntou:

-Que aposta?

-Para ver quem fica mais tempo parado sem comer nada!

O leão acreditava que ninguém ficaria mais tempo sem comer do que ele, ainda mais que já estava acostumado a ficar sem comer por dias.

Bem, o senhor cigarra pensou, vamos jogar então. Ele aceitou a aposta. Do mesmo jeito que ela ficou na árvore, continuou. Ficou um dia, dois, uma semana. Então, o leão com muita fome pensou, quando chegar um mês vou comer essa cigarra assim mesmo.

Passados alguns dias, chegou um mês. Então ele com muita fome foi comer a cigarra. Quando o leão pulou para pegar a cigarra, viu que era só casca, pois a cigarra tinha ido embora já fazia muito tempo.

Autoria: Welligton Karai, 2018.

KEREXU'I

Certo dia na floresta havia o macaco *ka'i* (macaco) que sempre estava com muita fome. E tinha uma menina que sempre passava nesta floresta, e levava em sua cestinha *xipá* (bolinho frito) para sua *xejarai* (vovó). E o macaco percebendo isso, ele pensou:- Como vou conseguir pegar o *xipa* pra eu comer?

Então ele bolou um plano. “Vou me enterrar no meio da estrada onde ela passa, e colocar para fora o meu pintinho e, quando a menininha passar vai tropeçar e cair”. Então foi isso que aconteceu. Quando a menina passou, tropeçou no pintinho do macaco e caiu.

Feito isso, a menina derrubou o cestinho com todos os *xipá*. A menina ficou brava e falou: - Vou voltar e pagar uma faca para cortar essa raiz de árvore aqui no meio do caminho.

E o macaco, esperou a menina sair, então pegou o cestinha da menina e sentou debaixo da arvore para comer.

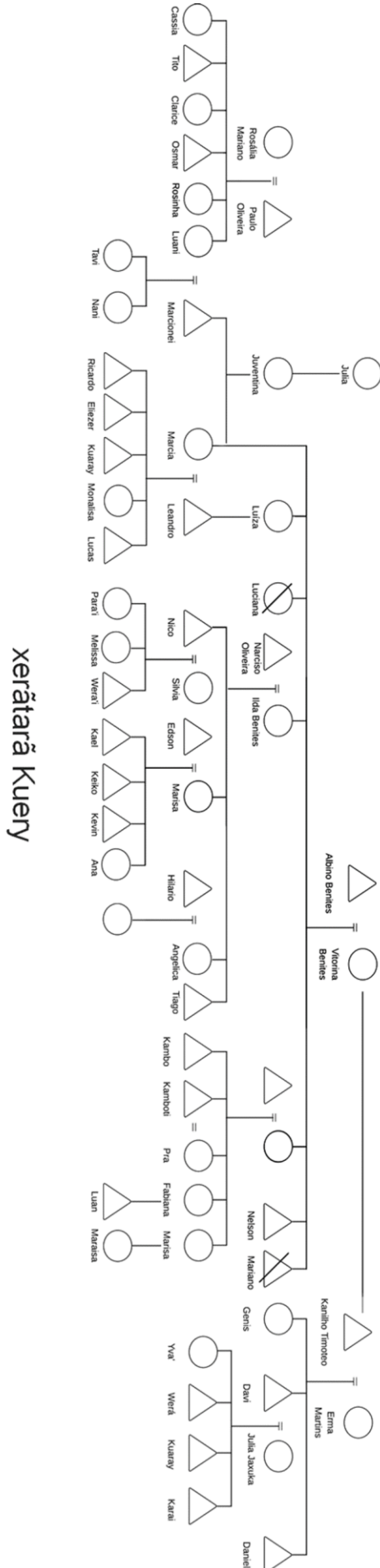
Um *aguara i* (cachorro do mato) que passava perto dali, viu o macaco comendo *xipá*, perguntou como ele conseguira. O macaco explicou que, quando a menina passou por ali, ele se enterrou e ficou aguardando a menina passar, e quando ela passou, tropeçou no seu pintinho e derrubou todo os *xipá*, que ela iria levar para sua avó. Então, o *aguara i*, ouvindo isto, pensou “Vou fazer o mesmo”. Correu e se enterrou no mesmo lugar que o macaco tinha se enterrado.

Mas a menina foi e voltou com uma faca, para cortar aquela raiz. Então ela chegou e cortou o pintinho do *aguara i*.

Autoria: Lidiamara Benites *Kerexu*, 2018.

MEUS PARENTES

Figura 27 – Xerãtarã Kuery. Meus parentes. Versão da Figura 8. Gráfico elaborado pelo autor. Desenho de Amanda Bouvié.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGHENTI, C. Povos Indígenas em Santa Catarina. In Notzold, A., Rosa, H., Bringmann, S. (org.). *Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate*. Ed. Palotti, Porto Alegre, p. 38. 2012.

CADOGAN, Leon. **Ayvu Rapyta: textos míticos de los M*byá-Guaraní del Guairá**. São Paulo: USP, 1959. p. 218

CADOGAN, Léon. **Ayvu Rapyta: textos míticos guaraníes**. Adaptado por MELIÁ, Bartolomeu. 1ª edição, Córdoba, Universidade Católica de Córdoba, 2005.

COHN, Clarice. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/USP, São Paulo, 2000.

CIMI (Conselho Indigenista Missionário). **Folheto de divulgação da campanha Povo Guarani, Grande Povo**. Material elaborado pela Comissão de Lideranças e Professores Indígenas e Conselho Indigenista Missionário (CIMI) regionais Sul e Mato Grosso do Sul. 2007.

FAVRET-SAAD, J. **Ser afetado**. Cadernos de campos. Antropologia social. MN UFRJ. N 13.155-161. São Paulo. 2005.

GENNEP, Arnold Van. **Ritos de passagem**. 3 ed. Petrópolis. Vozes, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas 1**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

MELIÁ, Bartomeu. **El guaraní: experiencia religiosa**. Assunção: Ceaduc/Cepag, 1991. 128 p.

MELIÁ, Bartomeu. **El Guarani conquistado y reducido. Ensayos de etnohistoria**. Asunción. Biblioteca Paraguaya. 1986.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. **Arte de la lengua Guarani**. Assunção: Cepag, 1993. 308 p.

MONTOYA , Antonio Ruiz .**Tesoro de la lengua guarani**. Madrid 1639. Reedição 1876.

NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1987.

NIMUENDAJÚ, Curt. **NIMOGARÁÍ**. Revista MANA 7(2): 143-149, Rio de Janeiro, 2001.

SCHADEN, Egon. Educação e Magia nas cerimônias de iniciação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 271-74, 1945.

SCHADEN, Egon. A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil; ensaio etno-sociológico. Rio de Janeiro. 1959.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. Boletim do Museu Nacional, n. 32, 1979.

TASSINARI. Antonella. Concepções indígenas de infância no Brasil. Tellus, ano 7, n. 13, out. 2007 .

TOREN, Christina. **Mind, Materiality and History. Explorations in Fijian Ethnography**. London, Routledge, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O Nativo Relativo”. Mana. Estudos de Antropologia Social 8 (1): 113-148, Rio de Janeiro, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté; os deuses canibais. Falta editora RJ. 1986.